



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
Instituto Multidisciplinar/Instituto De Educação
-PPGEduc-
Programa de Pós-Graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares

DISSERTAÇÃO

Mulheres negras e intelectuais da periferia.

Neuza Maria Sant' Anna de Oliveira.

Nova Iguaçu
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
Instituto Multidisciplinar/Instituto De Educação
-PPGEduc-
Programa de Pós-Graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares

Mulheres negras e intelectuais da periferia.

Neuza Maria Sant' Anna de Oliveira.

Orientação

Prof. Dr. Carlos Roberto Carvalho

Texto de dissertação apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos à obtenção de Título de Mestre.

Nova Iguaçu
Março de 2014

305.89608153

O48m

T

Oliveira, Neuza Maria Sant'Anna de, 1985-
Mulheres negras e intelectuais da periferia /
Neuza Maria Sant'Anna de Oliveira. - 2014.
93 f.

Orientador: Carlos Roberto de Carvalho.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação
em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares.

Bibliografia: f. 91-93.

1. Negras - Baixada Fluminense (RJ) - Teses. 2.
Mulheres intelectuais - Baixada Fluminense (RJ) -
Teses. I. Carvalho, Carlos Roberto, 1950-. II.
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Instituto De Educação/ Instituto Multidisciplinar
– PPGEduc –

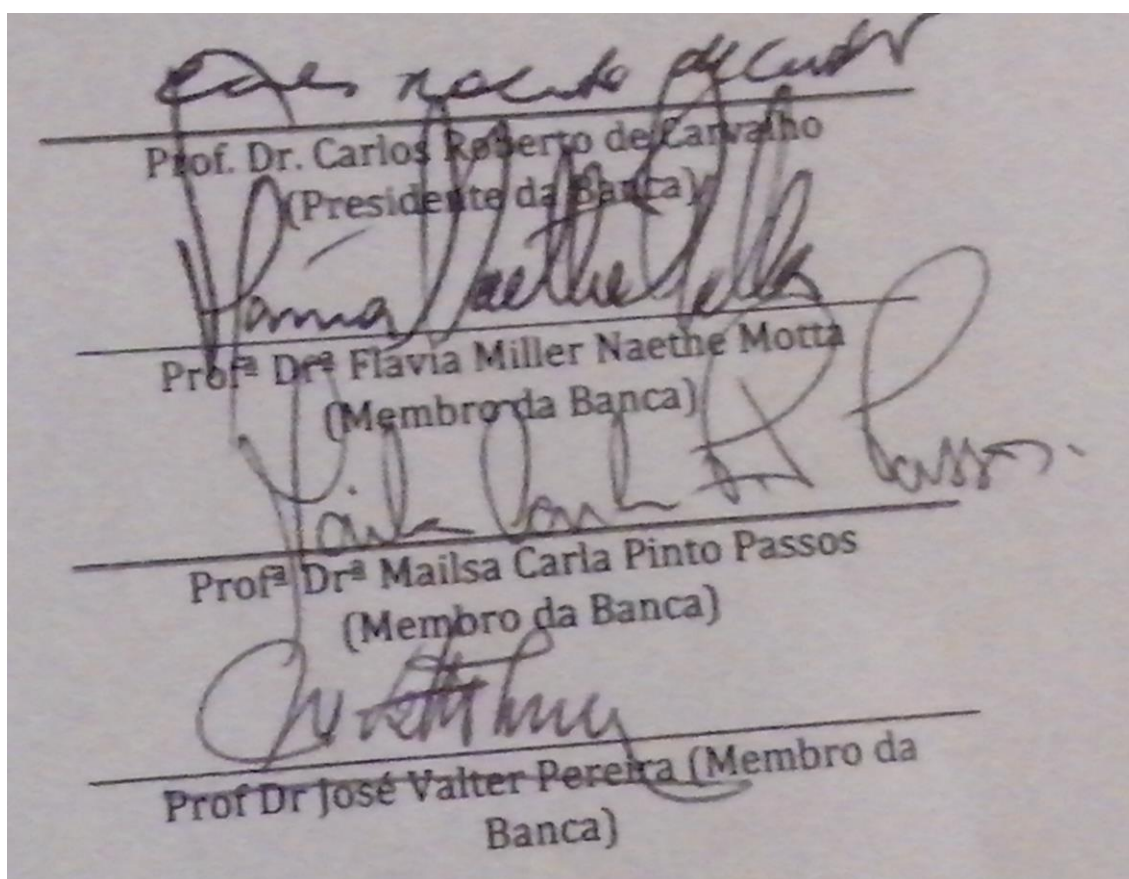
Programa de Pós - Graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares

Mulheres negras e intelectuais da periferia.

Neuza Maria Sant' Anna de Oliveira

BANCA EXAMINADORA

(Nossos interlocutores)



Prof. Dr. Carlos Roberto de Carvalho
(Presidente da Banca)

Prof^a Dr^a Flavia Miller Naethe Motta
(Membro da Banca)

Prof^a Dr^a Mailsa Carla Pinto Passos
(Membro da Banca)

Prof Dr José Valter Pereira (Membro da
Banca)

Dedicatória

A todas as mulheres que direta ou indiretamente contribuíram para a existência dessa prosa.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus pelo dom da vida e por iluminar meus caminhos e minhas escolhas.

À minha mãe Sonia e minhas avós Maria e Neuza. Sou o que sou porque essas mulheres um dia existiram e ainda existem em minha vida. Foi ao lado delas que iniciei minha caminhada, seguindo seus exemplos e trilhando novos caminhos. Obrigada Mãe, obrigada avós por me deixarem existir.

Aos meus colegas e alunos da Escola Municipal Machado de Assis, pela paciência com minhas ausências “segurando as pontas” nos momentos difíceis sempre respeitosamente. Em especial ao orientador educacional Sergio Vitor que com suas palavras de incentivo e coragem me fez acreditar que esse sonho seria possível. Você faz parte dessa prosa.

Aos meus irmãos que respeitaram, mesmo sem compreender bem meus momentos de silêncio e distanciamento do convívio familiar.

Às minhas amigas por respeitarem e entenderem minhas ausências e o mais importante: sonharem junto comigo com esse momento.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc), por compartilharem seus conhecimentos e experiências.

A todo grupo de pesquisa Culturas e identidades no cotidiano, coordenado pela professora Mailsa Passos, onde as discussões de autores como Fanon, Bahktin e muitos outros, contribuíram e muito para este trabalho, além das discussões, os sorrisos e afetos engrandeceram minha alma. Assim, percebi que não estava sozinha na caminhada.

Ao meu orientador Carlos Roberto Carvalho, primeiro por ter me escolhido em meio a muitos outros candidatos para então construirmos juntos essa caminhada, por ter se tornado além de um orientador um grande amigo, responsável direto pela realização desse trabalho.

A todos vocês obrigado!

Epigrafe.

Boletim de Ocorrência.

*Mulher negra não pára
por essa coisa bruta
por essa discriminação morna
tua força ainda é segredo
mostra tua fala nos poros
o grito ecoará na cidade
capinam como mato venenoso
a tua dignidade
ferem-te com flechas encomendadas
te fazem alvo de experiências
tua negritude
incomoda
teu redemoinho de forças afoga
não querem tua presença
risca o teu nome com ausência
**mulher negra, chega
mulher negra, seja,
mulher negra, veja,
depois do temporal. (grifo nosso)***

Alzira Rufino

RESUMO

OLIVEIRA, Neuza Maria Sant' Anna. **Mulheres negras e intelectuais da periferia.** 2014. 93F. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. (PPGEDUC), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu / Seropédica, 2014.

No presente estudo contamos histórias de vidas de três mulheres negras, moradoras e trabalhadoras da e na periferia da Baixada Fluminense. Mulheres que escolheram que, apesar de todos os percalços, continuariam seus estudos e chegariam aos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Tal estudo encontra-se alicerçado teórica e metodologicamente em Bakhtin, Benjamin, hooks, Arendt e Gomes, como também em outros autores que contribuíram significativamente para que esse trabalho ganhasse voz e corpo. A metodologia foi pensada sob a metáfora do caminho e do encontro com o outro (Bakhtin). Da mesma forma, Bakhtin ensina-nos como devemos proceder em pesquisas no campo das ciências humanas.

Palavras-chave: intelectuais negras, narrativas, pós-graduação *stricto sensu*.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Neuza Maria Sant' Anna. **Mulheres negras e intelectuais da periferia.** 2014. ____F. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. (PPGEDUC), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu / Seropédica, 2014.

In the present study we tell stories of lives of three black women, living and working in and on the periphery of the Baixada Fluminense. Women who chose that, despite all the mishaps continue their studies and to arrive postgraduate graduate studies. This study is theoretically and methodologically grounded in Bakhtin, Benjamin, hooks, Arendt and Gomes, as well as other authors who contributed significantly to this work gain voice and body. The methodology was designed under the metaphor of the way and the encounter with the other (Bakhtin). Similarly, Bakhtin teaches us how we should proceed in research in the humanities.

Keywords: black intellectual, narrative, post-graduate studies.

Sumário

Dedicatória.....	2
Agradecimentos.....	3
Epigrafe.	4
<i>Boletim de Ocorrência</i>	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
Palavras iniciais.....	8
1.História do meu nome	110
2.História de como encontrei o objeto e me encontrei nele	165
3. Em busca de mim e ao encontro do outro	21
4. História e compromisso	24
5. Caminhando ao encontro das mulheres negras.....	29
6. No meio do caminho tinha um método.	33
7. Seguindo os passos e construindo o caminhando.....	365
8. O outro no caminho e, no caminho do outro, a dúvida.	443
9. A importância do diálogo no encontro com o outro.....	48
10. Olhando para trás e seguindo adiante.	50
11. Uma breve reflexão sobre as palavras	53
12. A pesquisa como ato de compreensão responsável e responsivo.....	57
13.O encontro com o outro e o papel do narrador.....	62
14. A história do encontro com Joice.	665
Prezada Neuza,	72
15. A história do encontro com Anna.....	732
O resto foi silêncio.....	79
16. A história do encontro com Dandara.....	80
Palavras finais continuando a conversa.....	865
* Eu lá teria filho com mulher preta: as relações afetivas e estéticas das mulheres negras.....	86
** Intelectuais são os outros, eu não!	90
Referências bibliográficas.	943

Palavras iniciais.

Sou uma mulher negra da periferia do estado do Rio de Janeiro. Sou Neuza Maria Sant'Anna de Oliveira. Por toda a minha vida, deparei-me com questões específicas e talvez comuns a todas nós, mulheres negras dessa região. Questões de estudo e trabalho, questões familiares, questões afetivas e de sobrevivência. Questões “simples” e complexas ao mesmo tempo.

Questões que me incomodavam muito e que, pouco a pouco, tornaram-se, para mim, objetos de reflexão e de pesquisa, tirando-me da inércia e fazendo-me ir ao encontro de outras mulheres, e em busca de mim mesma. Precisava me encontrar. Precisava encontrar uma saída.

A saída que encontrei foi dar continuidade aos meus estudos, tornando-me assim uma mulher negra intelectual professora e pesquisadora. Foi a partir desse incômodo, muito particular, único e singular, que comecei a caminhar com passos tímidos e trêmulos, mas caminhando para atingir meus objetivos; objetivos que, hoje sei, não são uma questão só minha, mas de todas as mulheres negras que fui encontrando e encontrarei pelo caminho. Caminho longo e que, às vezes, parece sem fim.

Embora ainda tímida e trêmula, hoje me sinto mais fortalecida, sei que meus passos se tornarão mais firmes no exercício da própria caminhada e que só eu mesma poderei viver a minha vida, assumindo-a sob minha inteira responsabilidade. Sei que o mais importante é romper com a história única, a história que, há muito, vem sendo contada e não me deixa dormir. Precisamos, todas nós mulheres negras, em especial, parar de ouvi-las e contá-las de nosso próprio jeito, para romper com as histórias que nos fixavam em um único lugar, sem levar em consideração a nossa própria voz.

Dáí veio a vontade e o desejo de contar as histórias de outras mulheres negras. Mulheres que, como eu, resolveram mudar o rumo de suas vidas pessoais e hoje também frequentam cursos de pós-graduação, em busca de uma nova condição de vida, para que possam, assim, ser mais felizes e menos maltratadas por essa sociedade machista, patriarcal e racista.

Nossas preocupações são as mesmas que as de hooks¹, intelectual e feminista norte-americana. Ela menciona a algumas de suas alunas que lhes fazem perguntas sobre sua vida, na tentativa de conhecer os caminhos que ela percorreu para chegar a ser reconhecida como intelectual. Afirma ela: “Esse apaixonado interrogatório frequentemente ameaça meu senso de intimidade (o que existe), mas tem raízes num profundo desejo de compreender o processo pelo qual algumas negras escolhem a vida intelectual.” (HOOKS, 1995, p. 477). Desejo que eu também tenho e alimento, hoje mais que ontem, e para sempre; conhecer os caminhos percorridos pelas mulheres que almejam uma vida intelectual e desejam ser reconhecidas.

Ao encontrar as minhas interlocutoras, vivenciei a difícil tarefa de desnudar almas que, por sua vez, me desnudavam. Tal tarefa foi de extrema importância para o meu crescimento pessoal e espero que o tenha sido para elas também, pois, de minha parte, encontro-me plenamente satisfeita e com leve sentimento de um dever cumprido.

*

Depois de escrito e reescrito, lido e relido inúmeras vezes, eis aqui o resultado de meu esforço e trabalho. Eis aqui as marcas de uma longa caminhada de vinte e quatro meses e alguns dias. Eis aqui a minha colcha de retalhos a recobrir o leito de minha vida. Em cada um deles, uma narrativa, um momento de reflexão, um momento de encontro com o outro e comigo. Portanto, ele não é só meu: é de todos e todas que, de alguma forma, contribuíram para que ele nascesse assim de pedacinhos. Embora feito no plural, na *artesanía* coletiva, sou eu mesma que faço a bainha assinando e assumindo-o sob minha inteira responsabilidade, sob meu “não álibi”.

Como o texto não é (ou não deveria ser) uma peça acabada, preferimos, eu e meu orientador, não apresentá-lo em capítulos, da forma como são geralmente apresentados os textos acadêmicos e científicos. Preferimos apresentá-lo em pequenos retalhos, usando para isso um sistema de numeração sequencial. Desta forma, pensamos que cada retalho pode ser lido separadamente, na ordem e na sequência que o leitor desejar ou preferir. A sequência que apresentamos foi o modo que preferimos lê-lo, mas não o seu acabamento único e definitivo. Ao contrário, embora aparentemente acabado, desejamos que ele nunca seja finalizado, mas que continue a suscitar e a despertar o

¹ Mulher de letras minúsculas, *bell hooks* é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, que adotou os sobrenomes de sua mãe e sua avó. Escreve-se em letras minúsculas a pedido da própria autora, para quem o que importa é a obra e não o nome.

desejo de ouvir e narrar outras histórias, pois histórias precisam ser contadas e recontadas, e principalmente àqueles que não registram a sua própria.

É por esse motivo que também não apresento uma descrição detalhada do conteúdo deste trabalho. Todavia, para uma mínima orientação dos leitores e leitoras, apresento, nessa introdução, um breve resumo do que vai escrito. Embora construído em fragmentos, o texto pode ser dividido em três grandes blocos. No primeiro, conto histórias de nossos primeiros encontros, o encontro da autora com seus primeiros interlocutores; encontros fundamentais que me ajudaram a escolher e a descobrir caminhos a percorrer. No segundo bloco, narro os encontros com os outros; encontros que interferiram na forma como nos conduzíamos, nos enviaram ou nos desviaram no caminho percorrido. Faço, ainda, uma breve reflexão sobre a questão do diálogo, do encontro e das palavras. Busco, com isso, manter uma escuta sensível e um olhar cambiante, que não se voltem apenas para uma única direção, mas capazes de ouvir e ver em múltiplas direções, para capturar o invisível, o inaudível, a voz e o retrato dos silenciados pela História. No terceiro e último bloco, narro os encontros com as mulheres negras que elegemos como os principais sujeitos da pesquisa. Mulheres que, afirmamos e reafirmamos, durante todo o texto, durante todo o desenrolar da pesquisa, querer encontrar para ouvir suas histórias, suas histórias de vida. Mulheres que se desnudam, abrindo suas gavetas, sua caixa de linhas, de botões e de agulhas para nos contar, generosamente, suas histórias mais íntimas; histórias essas que jamais esqueceremos. Começando tudo de novo.

1. História do meu nome

Meu nome é Neuza Maria Sant'Anna de Oliveira. Recebi esse nome graças a meu pai, que fez questão de homenagear minhas duas avós. Na verdade, ele queria mesmo era colocar apenas o nome de “Neuza”, sua mãe, mas, para não desagradar a outra avó, arranhou logo uma maneira de resolver o problema, acrescentando, ao nome de “Neuza”, o de “Maria”. Nome esse de minha outra avó, mãe de minha mãe e sogra do meu pai.

O fato é que, em torno dessa disputa, estava eu. Embora recém-nascida, já no meio desta “pinimba” e, ainda por cima, tendo que lidar, mesmo sem poder e sem saber, de um lado com as “imposições” paternas e, de outro, com os descontentamentos de minha mãe contrariada, que não queria o nome Neuza nem Maria, mas Patricia. Meu pai, como se pode ver, ganhou a batalha. Batalha que, até hoje, é contada e recontada em prosas e versos pela boca de minha mãe. E foi assim que eu, sem ter nada que ver, mas implicada no assunto, não fui Neuza nem Maria, tampouco Patrícia; fui, sou e serei para sempre Neuza Maria, dois nomes em um só. Nomes que sustento com muito orgulho e que são uma homenagem às minhas duas avós. Dois nomes que vão sempre acrescentados de dois outros: Sant' Anna de Oliveira, que são nomes de família. Acho que, por esses, ninguém brigou ou não me contou ainda.

Começo com um fato pessoal, mas não insignificante, para dizer sobre o que acontece com todos os que nascem: mesmo antes de nascer, antes do seu aparecimento no mundo, sua história já está sendo construída, e só a conhecemos pela boca de outros homens e mulheres que nos antecederam. Daí a importância de ouvir e contar histórias. São elas que nos tornam humanos e mundanos. E não importa quão grandes ou pequenas elas sejam, são relatos de experiência e guardam sempre um ensinamento, formas de compreender, ser e estar no mundo.

No meu caso, como também é o caso de muitas pessoas, só conheço a história do meu nome (história que, no fundo, é e faz parte da história do porquê me chamo “Neuza Maria”), por causa de minha mãe, que a narrou para mim com todos os detalhes. Talvez, a recorrência e a frequência com que me conta sejam uma forma que ela encontrou para se “vingar” de meu pai, que, querendo fazer “boa figura” perante minhas avós, não permitiu que me dessem o nome do agrado de minha mãe. Nome que não aconteceu, mas que, mesmo assim, tem uma história. Patricia não existiu, mas, mesmo assim,

ficaram suas histórias, as lembranças na memória de minha mãe. Mas eu não me queixo, mesmo porque não tive nada a ver com isso. Estou plenamente satisfeita com o nome que tenho e que carrego comigo. Nome que, mesmo se trocado, não apagaria a minha história, o que aconteceu em torno dele.

Mas o nome não interessa em si: se Neuza, Maria ou Patrícia. O que importa é saber que todo homem ou mulher é e tem uma história que aconteceu. Eu aconteci e vou vivendo muito bem, obrigada. Às vezes, mais obrigada do que bem. Mas a vida é assim mesmo: um dia triste, outro dia feliz e, às vezes, as duas coisas ao mesmo tempo e no mesmo dia. É para isso que estudo e pesquiso, tanto faz que seja Patrícia, Neuza ou Maria. Sou e tenho muitas histórias para contar. Histórias que dão para rir e para chorar. Mas isso sempre dependerá da forma de contá-las e também de ouvi-las. Histórias não são definitivas nem absolutas, dependem sempre de uma interpretação de um determinado ponto de vista, de um jeito de enunciar.

Segundo Bakhtin (1992) são atos de palavras: verdades, mentiras, coisas boas ou más. São do jeito que a gente as recebe e as assimila, seja como tragédia, drama ou comédia. Por isso, elas são importantes para a vida de qualquer pessoa e podem ser contadas e recontadas *ad infinitum*. Elas são importantes não apenas pelo que dizem, mas pelo que nos ajudam a saber e a compreender a respeito dos homens. Nesse sentido, não importa que sejam um conto de fadas, um relato pessoal ou uma crônica jornalística. Histórias revelam, desvelam a vida: o que somos ou que poderíamos ter sido. Sem elas, o mundo humano não subsistiria. Elas são formas do mundo e tudo pode ser ou ter uma história.

Início narrando parte dessa história em torno de meu nome, para ir introduzindo, pouco a pouco, meu tema de pesquisa e as minhas intenções para com ele. Intenções aparentemente bem simples: a de ouvir e narrar histórias de mulheres negras intelectuais da periferia. Ouvir e contar histórias do silêncio, histórias da resistência, histórias das derrotas, das conquistas e das vitórias. Histórias quaisquer, contanto que sejam histórias que nos façam parar e pensar e nos possibilitem “intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1985, p. 198). Histórias grandes ou pequenas, mas sempre importantes, seja para quem as ouve, seja para quem as conte. Conforme aprendemos com a Tese 3 de Benjamin, “Sobre o conceito da história”, quero também ser cronista do tempo presente, e não juiz que discrimine fatos grandes e pequenos. Segundo o autor,

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história (Ibidem, 1985, p. 223).

Assim, na medida do possível, não quero apenas contar histórias que, por muito tempo, fazem-nos acreditar que somos só constituídas de sofrimentos e de dores incansáveis. Quero, conforme ensinou Benjamin, contar história, pois, quaisquer que sejam, têm o direito de serem reveladas. Mas, não somente elas; antes, os sujeitos que nelas se revelam. Quero também contar histórias – e não importa quais sejam – felizes, engraçadas, tristes e de tudo quanto é tipo: “assim ou assadas”. Histórias não são importantes porque explicam algo; são importantes porque são capazes de nos causar espanto, admiração e reflexão, o que também aprendemos em Benjamin.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão[...], é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (Ibidem, 1985, p. 205).

Tal como Hannah Arendt, também vejo assim o conteúdo dessa pesquisa:

[...] Não há nada na vida comum dos homens que não possa se tornar alimento para o pensamento, isto é, que não possa estar sujeito à dupla transformação que prepara um objeto sensível, tornando-o propriamente objeto do pensamento (ARENDR, 2009, p. 96).

As mulheres negras são o meu “alimento”, meu objeto de pensamento, meu tema de pesquisa, minha vida, minha raiva contra o racismo e contra os preconceitos. Nesse sentido, o texto será a minha resposta ao racismo, aos preconceitos que ainda hoje incidem sobre as mulheres negras.

Para Fanon (2008), o homem só existe para outro homem quando enuncia. E é por acreditar nesse preceito que quero ouvir e contar histórias, fazendo dessas narrativas uma pesquisa que é, simultaneamente, sobre mim e sobre outras mulheres iguais e, ao

mesmo tempo, diferentes de mim. Quero falar de identidade e da diferença. Quero falar de singularidade: olhar o geral, o que acontece com todo mundo, a partir do meu próprio olhar, do lugar que ocupo no mundo.

A ideia, então, que me veio à cabeça, e que talvez possa parecer, para alguns, estapafúrdia, foi a seguinte: se, quando a gente nasce, não pode sequer escolher o nome nem mudá-lo (só em certos casos), pelo menos pode escolher a forma, o mundo em que quer viver, mudando a forma de olhar para este mundo. Este modo de pensar me pareceu fundamental, pois foi como se nascesse por uma segunda vez, nascesse para mim de veras. Foi aí, então, que me descobri eu mesma, Neuza Maria Sant' Anna de Oliveira, filha e neta, mulher negra e pesquisadora. Mudei como pessoa, como profissional, e passei a nutrir o desejo de me tornar uma pesquisadora.

Foi a partir da descoberta de mim mesma que também emergiu o objeto de minha pesquisa, que ele se revelou a mim. Em outras palavras, “saí da caverna” e fui habitar e praticar o mundo, uma forma de pensar e, ao mesmo tempo, agir. Fui “viver no chão”. Aprendi, e continuo aprendendo, a não mais me contentar apenas com aquilo que os outros me dizem a respeito das coisas, mas a buscar, a ver as coisas com meus próprios olhos. Aprendi, e estou aprendendo ainda, a ver as coisas *na* e *pelas* próprias coisas, como signos. Aprendi, e continuo aprendendo, sobretudo, a pensar-ver-compreender o mundo cotidiano do jeito que Paulo Freire tem nos ensinado a pensá-lo, a vê-lo e a compreendê-lo: como um “livro” que a gente tem que “ler” antes de ler os próprios livros escritos.

Na verdade, foi Bakhtin que me ajudou a compreender as palavras de Freire, de que a leitura é a compreensão do mundo; não do mundo físico natural, mas do mundo humano. Mundo esse em que as palavras, os discursos e as narrativas dão rumo e destino à vida dos homens e mulheres que nele habitam, nascem, crescem e morrem. E que só nelas, e a partir delas, podemos descobrir-ouvir verdades, mentiras, coisas boas e más. E que só a partir delas podemos descobrir o mundo da forma que ele está sendo, poderia vir a ser ou deveria ser. Mas elas não se limitam apenas a nos mostrar o mundo como tal; elas também são capazes de antecipar as mudanças, o porvir. E é sobre esse *por vir* que também buscaremos em nossa pesquisa, no diálogo que ansiamos junto às mulheres negras. Iguais a mim e diferentes de mim. Outras mulheres. Mais que saber quem são essas mulheres, no fundo, interessa-nos saber quem somos ou estamos sendo.

Por isso, devo confessar sem pudor algum que esta pesquisa é mais da ordem de meus interesses do que propriamente de quaisquer outras mulheres. Talvez eu possa

contribuir para a compreensão das condições humanas de outras mulheres e da condição feminina das mulheres brasileiras moradoras das periferias em geral. No entanto, nossa pesquisa não se ocupará da vida de todas as mulheres, mas de um grupo específico de mulheres negras que, como eu, foram as primeiras que, dentre os membros de suas famílias, chegaram ao curso de mestrado.

Partimos ao encontro dessas mulheres que, conforme o perfil que traçamos, frequentam atualmente os cursos de mestrado das duas universidades públicas da região. Na medida em que a pesquisa é fundada no desejo do encontro e do diálogo com o outro, não trabalhamos com questionários fechados e previamente elaborados. Foi necessário antes o próprio encontro, que colocará suas próprias perguntas, suas próprias interpelações. Assim, do jeito que aprendemos com Bakhtin, no evento aberto da vida, no existir-evento, sem temer as nossas incompletudes, esperando que o outro, legítimo interlocutor, conceda-nos a honra de dirigir-nos a palavra. E, nesse sentido bakhtiniano do encontro de homens e contra palavras, cabe-nos, enquanto pesquisadores, mais ouvir do que inquirir; mais que isto, responder o que essas mulheres têm a nos dizer.

2.História de como encontrei o objeto e me encontrei nele

Ao iniciar o curso de mestrado, a intenção era pesquisar o envolvimento (ou não) das escolas com as produções culturais da periferia. Entretanto, em meu primeiro encontro com o orientador, percebi que este não era o meu tema de fato.

Foi partir deste dia que comecei a repensar a minha caminhada de vida. Naquela nossa primeira conversa, no corredor da universidade, me dei conta de que eu era a primeira pessoa da minha família a chegar ao curso de mestrado. E foi nesta conversa que o tema da pesquisa começou, embrionariamente, a emergir: os percursos de mulheres negras que, como eu, foram as primeiras de suas famílias a chegarem ao curso de mestrado. Naquele primeiro encontro com o orientador, encontrei o recorte da pesquisa.

No texto “O diálogo acadêmico entre orientadores e orientandos”, Viana e Veiga (2010) levantam três desafios enfrentados por um orientador. São eles: afetivos, profissionais e teórico-metodológicos. A relação afetiva, na minha pesquisa, se faz vital, pois é preciso conhecer melhor para poder produzir melhor. Além disso,

Em relação ao aspecto afetivo, muitos orientadores destacam a necessidade de conhecer a história de vida do orientando, suas expectativas em relação ao curso, como também proporcionar ao aluno a oportunidade de se deixar conhecer por ele, procurando estabelecer entre ambos uma relação dialógica e um clima de confiança. (VIANA e VEIGA, 2010, p. 223).

Não é simples nem fácil falar de si para outro e, por isso, uma relação de afeto faz com que o diálogo seja mais fluido e simples, ainda que não livre de suas complexidades e da necessária responsabilidade que a pesquisa exige.

Iniciei o mestrado com um tema que me parecia muito bom e familiar e cheguei a um tema que já faz parte da minha vida há muitos anos. Desde quando nasci. As questões sobre a vida das jovens negras sempre me despertaram interesse, pois vivia e vivo os preconceitos por que todas elas passam. Talvez o caminho mais apropriado tenha sido a carreira acadêmica, fato esse que me lança como uma nova geração de mulheres em minha família.

Enunciar é tornar-se vivo e presente para o outro. Mas existir, para uma mulher negra de periferia, é uma questão um tanto quanto complexa. A cada encontro com meu orientador, saía sempre com muitas questões, pois acabava descobrindo que não existem verdades absolutas. O curioso é que as provocações sempre me levavam a um lugar de desconforto. Um lugar que me fazia querer mais, me buscar mais; enfim, me encontrar. E assim, no processo da pesquisa, processo que é sempre um encontro com o outro, fui me encontrando, me reorientando, olhando para o outro e me vi.

No decorrer desta breve reflexão que foi se aprofundando nos encontros do grupo de pesquisa, acabei percebendo, então, que pesquisar sobre as mulheres negras moradoras da Baixada Fluminense – e que fossem as primeiras de suas famílias a chegar aos cursos de mestrado – era também pesquisar sobre a minha própria história. Percebi ainda que, assim como eu tinha uma história para contar e desejava contá-la, também outras mulheres negras teriam as suas. Teriam histórias que também dormiam no silêncio da alma de cada uma, à espera de alguém que as ouvisse para passá-las adiante. Foi assim que o objeto de nossa pesquisa se tornou sujeito – um objeto que fala conta e narra histórias. Pois,

Todas as mágoas são suportáveis se as colocamos em uma estória [story] ou contamos uma estória sobre elas. (DINENSEN *apud* ARENDT, 2010, p. 219).

Talvez histórias que nos sejam comuns. Para isso, devo escovar minha história a contrapelo, como diria Benjamin. Tal exercício é doloroso, mexe com feridas muito pessoais que talvez não quisesse contar a ninguém, mas contá-las é me redescobrir, como diria Carvalho em “Memórias de branco em negro”.

Viajo para dentro de mim em busca dos pedaços de mim, da minha carne, do meu sangue mestiço: português, africano, ameríndio. Sangue latino, híbrido, sangue do tipo “O positivo”- o mais plebeu e o mais nobre de todos os sangues, porque é sangue de minha gente: sangue mulato, caboclo, cafuzo, índio. (CARVALHO, 2009:156).

Sair da “zona de conforto” na qual vivia para fazer uma viagem interior e buscar algumas respostas que, talvez, jamais consiga por completo, porque tal coisa é tarefa difícil. Sei que minha história de vida é igual à de muitas outras jovens mulheres negras

da periferia fluminense, porém, em um determinado momento de minha caminhada, escolhi um lugar que não é o lugar comum para a maioria de nós. Tal lugar sequer era reconhecido como de prestígio para a minha família e, para uma parte da sociedade, ainda não o é, pois, a todo tempo, tenho que explicar a importância e o que significa.

Quando digo que é uma parte da sociedade, estou me referindo a um grupo específico que está tendo acesso ao Ensino Superior há menos de uma década. Certamente, este período é pequeno para que todos tenham conhecimento do que é, de fato, a academia e almejem a intelectualidade. Porque grande parte desses novos universitários está mais interessada em conseguir uma melhor colocação no mercado de trabalho do que na vida acadêmica em si.

Talvez seja na constituição de nossa sociedade colonial, escravista e patriarcal que possamos encontrar a causa do “desinteresse” e preconceito, de algumas pessoas que pertencem a esse extrato social, para com o trabalho intelectual. Talvez possamos ver este tipo de preconceito com o trabalho intelectual como uma ideologia encarnada na subjetividade das populações negras. Uma ideologia inculcada pelos colonizadores brancos, que sempre trataram os negros como máquinas de trabalho, como pés e mãos dos senhores de engenho. Certa feita, sintetizou, curiosamente, Antonil², em “Cultura e opulência do Brasil”³, escrito originalmente em 1711. Diz-nos ele, no capítulo IX da referida obra:

Os escravos são as mãos, e os pés do senhor do engenho; porque sem elles no Brazil não he possível fazer, conservar, e augmentar fazenda, nem ter engenho corrente. E do modo, com que se ha com elles, depende tê-los bons, ou mãos para o serviço (ANTONIL, 1837, p. 31).

² André João Antonil era um pseudônimo, quase um anagrama, utilizado pelo jesuíta João Antonio Andreoni. Nascido em Luca, na Toscana, em 1649, Andreoni entrou na Companhia de Jesus aos 18 anos e, em 1681, veio ao Brasil como visitador. Aqui ficou chegando à posição de reitor do Colégio da Bahia. Morreu em 1716. Destacou-se na polêmica com Antonio Vieira sobre a legitimidade da escravidão indígena e na defesa da canonização de Anchieta. Seu livro garante-lhe um lugar de destaque na história e na cultura brasileira.

³ *Cultura e opulência do Brasil* é um livro extraordinário. E muito raro. Impresso em Lisboa no ano de 1711 foi considerado indesejado pela Coroa portuguesa, que mandou recolher e destruir todos os exemplares. Felizmente, sobraram alguns poucos. Sete para ser mais exato. Um dos quais a Universidade de São Paulo tem o privilégio de possuir na Faculdade de Direito – a mais antiga biblioteca pública da cidade de São Paulo, formada a partir da coleção do Convento de São Francisco.

Não só neste momento, mas em toda a obra de Antonil, o leitor poderá perceber a inserção do negro como uma peça fundamental para constituição da sociedade escravocrata. Não como um homem ou mulher que pensa, mas como máquina e peça da produção. O trabalho pesado foi o que impregnou a subjetividade que colonizou seu pensamento. Negro é sinônimo de trabalho porque negro só servia para trabalhar, pois pensar era tarefa exclusiva dos homens brancos. Assim pensavam os homens brancos; assim pensavam e ainda pensam muitos de nós, negros e negras. Some-se a isso uma questão bem concreta para essa renúncia às atividades intelectuais: a necessidade de ter que trabalhar muito cedo para se sustentar e contribuir na renda doméstica. Talvez por isso o trabalho intelectual, que exige anos de preparação escolar, seja desqualificado, e os indivíduos que a ele aspiram sejam confundidos com quem não gosta de trabalhar.

Por isso, contar a minha história e a de outras mulheres que optaram e aspiram a uma vida intelectual e acadêmica nos parece importante. Nosso intuito é mostrar que os negros e as negras não são apenas os pés e as mãos dessa sociedade, mas também sua cabeça. Precisamos e queremos falar sobre isto, pois, como diria Fanon (2008, p. 33) “falar é existir absolutamente para o outro”. Portanto, precisamos falar sempre a respeito disso; contar e recontar essas histórias quase invisíveis, mas que perambulam aí, circulando por toda cidade.

Ser a primeira é ter uma responsabilidade muito maior, pois, além de “abrir o caminho”, não temos como trocar experiências com nossos familiares, já que esse lugar é novo até mesmo para eles. A palavra mestrado não fazia parte do vocabulário de minha família. Estar no mestrado não é só criar um novo vocábulo para os mais próximos, mas também mostrar que é possível a mudança. Daí a necessidade de partir para a pesquisa de campo, conhecer os caminhos e descaminhos das mulheres que, de antemão, sei que são poucas, mas creio que possuem belas narrativas de luta, persistência e superação.

Depois dessa longa caminhada de encontros e desencontros, o tema de nossa pesquisa passou a ser a formação intelectual de mulheres negras moradoras da periferia da Baixada Fluminense, com a peculiaridade de que essas mulheres fossem as primeiras de suas famílias a chegar ao curso de pós-graduação *stricto sensu*.

Encontrei os sujeitos e o campo da pesquisa.

A partir deles, pretendo encontrar essas mulheres que chegaram ao curso de pós-graduação *stricto sensu*, especificamente ao curso de mestrado. Com o encontro, descobrir, conhecer seus caminhos, suas escolhas, as táticas e estratégias que praticaram

para chegarem a tal lugar. É importante ressaltar que essa pesquisa tem um enfoque no cotidiano *certeauniano* e, por isso, são consideradas as táticas e as estratégias. Elas acontecem no minuto, no momento do cotidiano. Assim, por não estarmos no momento em que a escolha pela vida acadêmica foi feita, é necessário ouvir estas mulheres narrarem suas histórias e, desta maneira, identificá-las. A narrativa parece o melhor instrumento para encontrar as práticas cotidianas dos sujeitos.

3. Em busca de mim e ao encontro do outro

Como escreve Bakhtin (2006), a luta do artista (do/da pesquisador/a) é antes a luta consigo mesmo. É essa luta que fará com que o autor-pessoa⁴ torne-se uma questão para si mesmo, impelindo-o a dar uma resposta ativa (criativa) a tudo aquilo que vivencia ou vivenciou no curso de sua existência. Portanto, o primeiro encontro (ou o ponto zero) é o encontro/desencontro do pesquisador consigo mesmo. Encontro em que, sendo o mesmo, já não é exatamente. Na verdade, ele não se torna outro, mas busca para si um lugar outro para produzir – não uma confissão de si, mas uma visão objetiva e acabada; não apenas ética, mas também estética⁵. Um acabamento no seu inacabamento, na sua abertura para o existir.

Segundo Bakhtin (idem), um texto, enquanto ato enunciativo, não tem começos nem fins absolutos, mas participa de uma cadeia de atos enunciativos precedentes. Ele será sempre uma resposta à resposta.

Uma resposta que, por sua vez, aguarda a sua réplica. Daí ele não poder ser nunca definitivo e fechado em si mesmo. Sua vida depende fundamentalmente de seu inacabamento, de sua abertura para os outros. Sem os outros, não há palavra que se dirige, não há a quem responder. Minha ação⁶ tem origem na palavra do outro. É o outro que me concebe a existência⁷. Sem ele, sou apenas ceticismo, dúvida. Assim, não basta apenas pensar para estar assegurado de minha existência, mas é preciso que o outro me confirme quando dirige suas palavras a mim.

É este princípio de interação tu-eu que o torna o texto dialógico e responsivo; que permitirá aos leitores (os outros) tornarem-se coautores, dando origem a novos textos, a novas respostas.

Neste sentido, um bom texto de pesquisa só pode ser o que permita que outros venham participar dele ativamente, não para repeti-lo, mas para lhe dar outros sentidos.

⁴ O autor, homem ou pessoa, só surge como o autor ao falar de sua obra. É a partir de enunciação que ele passar a existir.

⁵ A ética e a estética constituem-se como dimensões de uma obra. A dimensão ética cumpre com a responsabilidade com a verdade (apesar de o próprio Bakhtin afirmar que a verdade existe mas não está no meio de nós). Já a estética tem a ver com a forma como se escreve.

⁶ Segundo Arendt (2005, p. 190), “agir, no sentido mais geral do termo, significa tomar a iniciativa, iniciar [...], imprimir movimento a alguma coisa [...] por serem recém-chegados e iniciadores em virtude do fato de terem nascido, os homens tomam iniciativa, são impelidos a agir”.

⁷ O outro, nas obras de nossos referenciais, são os seres que nos dão a vida. Só existimos a partir do contato com o outro. É ele que nos dá o acabamento.

Dar-lhe vida. É a participação ativa e dialógica⁸ dos outros que permite certa duração ou continuidade dos textos na vida das sociedades. Portanto, seu autor nunca estará só, mas sempre em conluio com outros homens, com quem estabelecerá um diálogo de consenso ou dissenso. Ele (o texto) não será importante apenas pelo que venha a dizer, mas pelo que permite ou deixa de dizer. Será importante pela sua incompletude. É esta incompletude que permite e provoca uma nova resposta.

Uma característica importante de um texto de pesquisa é o seu caráter público e social. Servindo-nos das reflexões de Arendt (2010, p. 61), poderíamos afirmar que, enquanto coisa pública, o texto é sempre feito para ser publicado, ser dito, lançado a alguém. Enquanto tal, o texto-enunciado é produzido para aparecer em público. É escrito para ser lido. Deseja a sua maior divulgação possível. Quer aparecer no mundo como coisa tangível, humana e mundana. Quer revelar uma realidade compartilhada.

A realidade não quer significar, aqui, a verdade pura, única, absoluta e definitiva, mas só aquela que aparece ao autor e aos sujeitos com quem compartilhou e registrou visões de mundo. Visões essas que, por sua vez, podem ser confrontadas com outros pontos de vista. Podem continuar ou não como questão no seio de uma comunidade humana. Como bem disse Arendt (2010), o agente pode sempre dar início a alguma coisa, mas não pode prever nem controlar os resultados da sua ação.

Conforme Bakhtin (1995), a palavra é livre e pessoa alguma pode detê-la ou ter a última, pois verdade de um lado só não é verdade, mas tirania, mentira e ato de extrema violência para com os outros. Neste sentido, em um texto de pesquisa científica, a verdade deve ser levada ao domínio público como propriedade comum de todos os outros com os quais convivemos. Todavia, mais uma vez segundo Bakhtin, a verdade existe e devemos procurá-la sempre. O problema é que não a temos nunca como coisa definitiva e exclusiva. Ela não pode ser propriedade exclusiva de homem algum. Sobre ela se poderão sempre lançar outros pontos de vista, outras questões. É da dúvida, e nunca das certezas que podemos ter sobre a realidade, que vive e revive toda atividade científica. Poderia, assim, concordar com Descartes: só quando duvido, penso. E só neste momento de dúvida posso abrir caminho para a superação, para uma nova resposta ou nova pergunta.

Ousamos afirmar que é a dúvida que cultivamos em nós que nos faz sentir interesse e curiosidade pela novidade do mundo. Mundo este que é visto pelo ponto

⁸ Entendo como dialogia o cabeamento que o outro me dá e que dou ao outro.

exclusivo de cada homem que nele habita, vive e convive. Como diria o poeta, para o escritor não há caminho pronto e antecipado; ele se faz no ato da própria escrita, no diálogo do autor-narrador com os sujeitos com que escolheu encontrar para conversar sobre seu tema de interesse. Como faz ver Amorim (2004), ao afinal de toda pesquisa, o pesquisador acaba sempre percebendo o ponto por onde deveria começar.

4. História e compromisso

No início dessa pesquisa, esta seção recebia o nome de “Mulheres negras intelectuais”. Porém, como tudo na vida não é permanente, e com as participações em congressos e seminários, um incômodo “particular” tornou-se público. Não por minha vontade, mas devido a uma outra pessoa que me interpelou, questionando o recorte e o título. Tal questionamento me fez ver que a escolha de algumas palavras pode mudar o sentido daquilo que escrevemos; que mudar as palavras é também mudar uma forma de pensamento. Mudar o título dessa seção é reafirmar um pensamento e não desprezar outros. O acabamento do outro foi tão importante que mudou uma forma de pensar e escrever.

As mudanças acontecem por conta do amadurecimento da própria pesquisa. Assim, ao mudar o nome de uma seção, estamos buscando um refinamento para a mesma. No início, eu afirmava que gostaria de me encontrar com algumas intelectuais negras. Afirmava, ainda, que essas eram mulheres que chegaram ao curso de pós-graduação *stricto sensu*, dando a entender que a presente pesquisa considerava como intelectual apenas um determinado grupo de mulheres, dentro de um grupo mais amplo como, por exemplo, as rezadoras, mães de santos, sambistas, entre outras.

Para dirimir quaisquer dúvidas, assim como Gramsci (1982), também somos de partido que todo homem ou mulher, seja negro ou branco, pobre ou rico, é, sim, intelectual, mas nem todos exercem essa função na sociedade. Por isso, não negamos a intelectualidade de nenhuma outra mulher negra. Não negamos essa capacidade a quem quer que seja. Todavia, para efeito de nossa pesquisa nossa concepção de intelectual é aquela que foi formulada por Edward Said:

O intelectual é aquele indivíduo que coloca questões para a sociedade, estabelece distinções, recupera a memória de todas aquelas coisas que tendem a ser desprezadas e colocadas no campo do invisível. O dever do intelectual é mostrar que o mundo não é uma entidade natural, mas um objeto construído e que, portanto, pode ser modificado, reinventado ou desinventando. Ele [o mundo humano] não é algo que está lá fora de nós, mas algo que surge entre os homens (ARENDR, 2003). É deste mundo que surge entre os homens que o intelectual das ciências humanas e sociais se ocupa; se preocupa; se pré-ocupa. (SAID, 2005:44).

Resolvida essa questão do conceito do que seja, para nós, um intelectual, ou melhor, já apresentando o que acreditamos ser o melhor conceito de intelectual para a nossa pesquisa, uma questão se faz presente: por que algumas mulheres negras decidem prosseguir na carreira acadêmica? Tal questionamento pode ter várias respostas, mas a abordada por Silva⁹ parece contemplar-nos, pois a autora afirma, em seu artigo intitulado “A Mulher Negra”, que entramos na universidade procurando maiores capacitações, objetivando uma melhor colocação no mercado de trabalho.

A busca por uma melhor capacitação é consequência das demandas da sociedade em que vivemos, onde o consumo e a competição são características do capitalismo. O fato é que o “mercado” nos vende uma ilusão de melhores salários e colocações por meio da educação. Quanto maior a escolaridade, maiores as possibilidades de melhores salários; porém, os melhores salários não são para todos, mas apenas para alguns.

Buscamos a universidade porque queremos mudar de vida, mudar a nossa história familiar. Entretanto, para uma mudança completa, é preciso muito mais do que simplesmente entrar na universidade; é necessário um ativismo para superar as dificuldades impostas às mulheres negras, além de produzir textos acadêmicos. Precisamos produzir para superar os obstáculos de toda ordem e tipo, sair da inércia e, nós mesmas, começarmos a contar as nossas histórias, tomar a palavra.

Olhando para um passado não muito distante, encontramos o que poderia chamar de princípio do movimento: o de tomar a palavra para si. Melhor seria dizer que passamos a responder os enunciados que sobre nós se fabricavam. Esse movimento surgiu no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, com a chegada de um grupo considerável de negros que ingressaram nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Foi a partir desse momento que a história da mulher negra passou a ser escrita pelas próprias mulheres negras; que começamos a deixar de ser meros “objetos” de pesquisa, e nos tornamos sujeitos de nossas próprias pesquisas; que palavras alheias começaram a ser nossas.

Esse movimento de tomar a palavra para si caracterizou-se com a chegada dos militantes dos Movimentos Negros nas universidades, mas é importante ressaltar que nelas já poderiam ser encontrados negros intelectuais, como, por exemplo, Milton Santos.

⁹ SILVA, Maria Nilza da. A Mulher Negra. **Revista Espaço Acadêmico**. Ano II, nº 22. Março de 2003. Disponível em < <http://www.espacoacademico.com.br/022/22csilva.htm>>. Acesso em 18/05/2013.

Após o surgimento dos Movimentos Negros, alguns militantes começaram a buscar espaço no círculo acadêmico. Conseqüentemente, os intelectuais oriundos desses movimentos preocuparam-se em construir um discurso sobre si, uma “ética da convicção antirracismo adquirida ou incorporada dos Movimentos Sociais Negros, bem como um ethos acadêmico-científico ativo, posicionado pró-igualdade racial e pró-políticas de promoção da igualdade racial”. (SALES, 2007) Lélia Gonzales¹⁰ é um exemplo desses negros intelectuais.

Com a chegada desse grupo aos cursos de pós-graduação, a “cara” da universidade começou a mudar. Elementos antes vistos como exóticos se fizeram presentes e ganharam status de objetos de pesquisa, tais como: religiões de matrizes africanas, a arte negra em geral (música, literatura, cinema), as mulheres negras, o racismo, o preconceito racial, a educação étnico-racial e antirracista, etc. Enfim, temas que eram invisíveis passaram a ter presença frequente nas teses e dissertações.

Nesses “novos” temas, a nossa história, a história de mulheres negras no Brasil, sempre foi marcada pela luta e pela resistência. Apesar de arrancadas de nossas famílias, tendo que trabalhar na roça, na casa grande, amamentando as crianças brancas enquanto lhes era negada a própria maternidade, apesar de sermos consideradas objeto de prazer para satisfazer os desejos dos senhores, conseguimos superar as barreiras colocadas por um passado e um presente de lutas.

Para reescrever a história de suas famílias, muitas mulheres negras estão buscando, na educação, uma forma de romper com a “história única”. Entretanto, existe uma longa distância entre essas mulheres e os cursos superiores, especialmente os das universidades públicas do país; um território negado não só às mulheres negras, mas também aos estratos mais baixos da nossa sociedade. Somente com as políticas de ações afirmativas¹¹ implementadas a partir do governo de Benedita da Silva no estado do Rio de Janeiro e, posteriormente, no governo Lula em âmbito nacional, é que essa distância física e política diminuiu, mas não da forma que gostaríamos.

¹⁰ Lélia Gonzales foi antropóloga, educadora e feminista mineira, Participou de vários seminários nacionais e internacionais. Escreveu ensaios, artigos, e palestrou por todo o mundo. Como não era muito adepta da escrita tradicional acadêmica, muitas de suas obras foram coletivas. Lélia buscava conjugar diversas lutas numa só.

¹¹ São políticas focais que alocam recursos em benefício de pessoas pertencentes a grupos discriminados e vitimados pela exclusão socioeconômica no passado ou no presente. Trata-se de medidas que têm como objetivo combater discriminações étnicas, raciais, religiosas, de gênero ou de casta, aumentando a participação de minorias no processo político, no acesso à educação, saúde, emprego, bens materiais, redes de proteção social e/ou no reconhecimento cultural.

Políticas como cotas raciais e o Programa Universidade para Todos (PROUNI) contribuíram para que o acesso à universidade fosse possível para muitas de nós, negras e pobres. Entretanto, ainda temos um número muito reduzido de negras nos cursos superiores. Estudos recentes mostram que, apesar das políticas de ações afirmativas, somente 6% das mulheres negras¹² possuem nível superior; o número de mulheres brancas é três vezes maior.

Ainda hoje, muitas de nós, mulheres negras, estamos seguindo os passos do grupo que iniciou a “conquista do território acadêmico” que, por muitos e muitos anos, nos foi negado. Assim, estar na universidade é assumir um compromisso com o passado e com futuro, dar prosseguimento à luta de todas as mulheres que nos precederam e comprometer-nos para que muitas outras mulheres venham, em um futuro bem próximo, ocupar estes espaços. É mostrar, com o exemplo de nossas próprias vidas, que isto é possível, que a educação não é privilégio de alguns, mas direito de todos. Direito que tem sido negado há muito, e precisamente às mulheres. Neste sentido, nosso ponto de vista é o mesmo que aprendemos com Benjamin, na segunda tese “Sobre o conceito da história”:

[...] a de que existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente (BENJAMIN, 1985, p. 223).

Enfim, a todo tempo precisamos nos autoafirmar e reescrever nossas histórias, não nos esquecendo, entretanto, de que, um dia, nossas bisavós, avós e mãe foram escravas, amas de leite; que, para sustentar suas famílias, tiveram um subemprego e mesmo assim se mantiveram na luta. Deixemos ecoar dentro de nós as vozes dessas milhares de mulheres negras que nos antecederam, conforme nos escreve Evaristo, registrando e revelando uma face da história das mulheres.

A voz da minha bisavó ecoou (...)
 A voz de minha avó
 ecoou obediência (...)
 A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta (...)

¹² Dados disponíveis em: http://pfdc.pgr.mpf.gov.br/atuaao-e-econteudos-publicacoes/discriminacao/retrato_desigualdades_generoeraca_1edicao.pdf. Acesso em 08/07/2012.

A minha voz ainda ecoa versos perplexos (...)
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato
(*Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo)¹³

Os belos versos de Conceição Evaristo sintetizam tudo aquilo que estamos e desejamos com o nosso trabalho: ouvir o eco das vozes que emudeceram e que a história tem tomado como coisa inaudível.

*

¹³ Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2012/11/vozes-mulheres-de-escritoras-e-intelectuais-negras/>. Acesso em 26/05/2013.

5. Caminhando ao encontro das mulheres negras

Conforme muitas vezes foi dito por Bakhtin, em todo e qualquer ato de enunciação encontramos-nos no interior de uma cadeia ininterrupta de significações, de outros atos enunciativos que o precederam. Não existe nem primeira nem última palavra; portanto, não existe palavra a ser dita que não tenha sido dita por alguém. Segundo Foucault, em “A Ordem do Discurso”, esse privilégio só foi possível ao primeiro homem. Depois dele, ninguém mais.

Assim posta, a pesquisa se inclui na série de muitas outras que buscam compreender os fenômenos culturais, sociais e políticos que desconsideram práticas e seus respectivos praticantes no seio de uma determinada sociedade. Ela se filia ainda ao conjunto de reflexões de autores/as pós-coloniais¹⁴ que, por muito tempo, vêm estudando os fenômenos e questões em torno do racismo, do machismo e das relações assimétricas entre norte e sul –, enfim, entre nós/outros. Poderia dizer que esta pesquisa também participa de um grupo de reflexões que se tem realizado no campo da educação. Tal campo, a partir da sanção da Lei 10639/2003¹⁵, tem sido abalado em seus fundamentos éticos, estéticos e cognitivos, obrigando as instituições educacionais a reverem seus currículos e introduzir neles questões que, até então, não eram tocadas, mas naturalizadas ou consideradas como pouco relevantes para a constituição de uma sociedade democrática.

Creio, assim, que o tema de pesquisa possa também contribuir para a constituição de futuros currículos que levem em consideração o ponto de vista daqueles que foram e são considerados como invisíveis¹⁶. Sobretudo, gostaríamos de considerar os pontos de vista das mulheres negras.

Mais especificamente, escolhi, como recorte de nossa pesquisa, estabelecer um diálogo com as mulheres negras moradoras da Baixada Fluminense, as quais, como eu, trabalham e estudam nas periferias da cidade do Rio de Janeiro. Mulheres que, seja por experiência própria ou por ouvir dizer, sofrem cotidianamente os resquícios de uma sociedade colonial, patriarcal, machista e racista, católica e ocidental.

¹⁴ Autores que estudam as influências do colonialismo nas sociedades pós-coloniais.

¹⁵ Lei que implementa o ensino da história e cultura africanas e afrobrasileiras no sistema de educação básica.

¹⁶ A invisibilidade aqui é a marcada pela linha abissal de Boaventura Souza e Santo, em que os países do Norte do mundo **tornam** invisíveis as práticas dos países do Sul.

São elas as interlocutoras¹⁷ e os sujeitos desse diálogo. Com esse encontro, pretendo contribuir para a ruptura dos laços de nossa servidão involuntária. Tal servidão é frequentemente consentida por muitas de nós, mulheres, como um voto de obediência servil que segue à risca a tradição daquilo que está escrito na bíblica Carta de S. Paulo e é tantas vezes repetido nas cerimônias matrimoniais: a mulher *não é um ser para si*, mas *um ser para outro* – outro esse que exige e espera a sua inteira dedicação e fidelidade.

Ouso afirmar que, dessa cena trágica, não participem apenas mulheres que se casaram ou se casarão, mas “todas” as mulheres, quando não um grande número de nós. Ouso dizer, ainda, que não importa qual a condição civil da mulher, se casada ou não. Em ambos os casos, a condição da mulher é a de servir, seja ao marido, ao pai, aos filhos ou aos irmãos. Essa condição é muito mais comum do que se pensa nas classes populares, conforme registrado em minhas memórias e nas conversas cotidianas que temos travado com outras mulheres. É para isso que temos sido educadas. Bem ou mal educadas. É desta sina involuntária e trágica que pretendo recolher alguns depoimentos para traçar o perfil e o caminho profissional de algumas mulheres negras que, a nosso ver, começam a romper, a desnaturalizar antigas práticas culturais que acabaram por nos determinar, mas nunca de modo absoluto, como servas da humanidade. Em geral, todas as mulheres são senhoras das dores e dos pecados.

É com essas mulheres que pretendemos traçar os retratos dessa paisagem cujos detalhes ainda vislumbramos toscamente em nossa própria história pessoal. História que, apesar de singular, não é única, mas faz parte de uma história mais ampla e que remonta a tempos imemoriais de nossa dinâmica social e de nossa educação. História que está em mim, mas que, suponho, esteja também em muitas outras mulheres. História que se derrama e que também se encontra dispersada na alma de tantas outras mulheres negras que ainda hoje lutam contra os preconceitos éticos, estéticos, cognitivos e intelectuais. Lutam contra toda sorte de discriminações de gênero, raça e classe.

A hipótese de trabalho é que, de cada uma dessas mulheres, não ouviremos apenas histórias pessoais, mas coletivas; histórias de outras pessoas que com elas se entrelaçaram, conviveram, formando o tecido de sua identidade e da sua singularidade enquanto mulheres. Trata-se aqui de produzir uma resposta ativa a partir da questão levantada por Boaventura (2008) em “Uma sociologia das ausências e uma sociologia

¹⁷ Segundo o dicionário Aurélio (2012), interlocutor é aquele que fala com outro.

das emergências”: pensar a coisa na própria coisa. Eis o que propõe, fazendo delas palavras minhas:

O que proponho é um procedimento renegado pela razão metonímica: pensar os termos da dicotomia fora das articulações e relações de poder que os unem, como primeiro passo para os libertar dessas relações, e para revelar outras relações alternativas que têm estado ofuscadas pelas dicotomias hegemônicas. Pensar o sul como não se houvesse o norte, pensar a mulher como não se houvesse o homem, pensar o escravo como não se houvesse senhor (SANTOS, 2008, p. 101).

Com esse movimento de escape das relações dicotômicas de poder em cada enunciação, será possível ouvir as vozes daqueles que me precederam e que me constituíram, mas pelo ponto de vista de cada sujeito falante e ouvinte que participa/participará de nossa investigação. A bivocalidade dos enunciados e das enunciações é o que interessa de modo mais contundente; nunca apenas e tão somente a história individual. Interessa saber sobre o objeto de nosso encontro: a forma com que cada uma delas, a partir de seus relatos de vida, respondeu aos percalços do cotidiano. Como enfrentaram o racismo, o machismo e toda sorte de dificuldades oriundas do preconceito de raça, de cor e de gênero? Interessa saber como, apesar de tudo, elas tornaram-se exceções à regra, seja no âmbito de sua própria vida familiar ou no âmbito social. Mais que perguntas, questões a serem debatidas e comentadas.

Em outras palavras, as narrativas dessas mulheres, por um ângulo de análise, serão tratadas como narrativas identitárias e que, portanto, talvez possam, por um lado, remeter a uma história comum, a uma identidade¹⁸, e, por outro, a uma singularidade, como enunciações singulares. Neste último caso, talvez o que mais interessa.

Cumprido considerar que, contra nós, ainda pesam as palavras de Gilberto Freyre, autor de “Casa-Grande & Senzala”, que, ao escrever sobre o Brasil colonial, colocou as mulheres negras no nível mais baixo da condição humana, transformando-nos apenas em meros instrumentos de trabalho. É contra esse rebaixamento e essa invisibilidade que tanto têm aviltado a humanidade e dignidade de mulher negra que nos posicionamos, levantamos nossa voz e queremos produzir a emergência de outras. Não

¹⁸ O conceito de identidade é bastante difícil de discutir, já que um só indivíduo, um sujeito singular, pode possuir várias identidades. Ao restringir uma pessoa a uma única identidade, retiramos dela todas as outras identidades que poderia ter, todas as possibilidades de ser.

como voz unívoca, mas plural. Cada um tem uma história a ser contada, tão bonita quanto a de Robinson Crusóé – foi o que nos disse Carlos Drummond de Andrade.

Narrar as histórias dessas mulheres negras será também visitar a nossa própria história. Desta feita, pelo olhar de alguém que contempla de fora, será, em certa medida, contar a minha história pela voz de outras mulheres. Como disse Bakhtin (2006), é pelo olhar do outro que conseguiremos ver, nos completar. Daí a escolha do caminho teórico-metodológico: a perspectiva do encontro. A caminho das mulheres negras e no caminho em busca de respostas à pergunta: que lhe parece o mundo? Desse encontro, espera-se vislumbrar a estrada que trilhei individualmente, no silêncio da vida individual e privada. Tornar público o que se encontra ainda invisível para sociedade: a vida da mulher negra, cuja imagem pública ainda tem sido a de serva e de subalterna. Deixá-las, então, falar a respeito disso. “Pode o subalterno falar?”, é a pergunta-título do livro de Spivack. É pela resposta a esta pergunta que a pesquisa também se orienta. Mas já adiantamos a resposta: claro que sim! A mulher sempre falou e nunca se calou ou se calará. A questão é essa e outra: a de poder falar e ser ouvida. É ouvindo-as que poderemos saber o que querem e o que pensam do mundo.

6. No meio do caminho tinha um método.

Este texto nasce de uma pergunta que os colegas do curso de mestrado lançaram por ocasião da apresentação do meu texto de qualificação. Momento em que ainda não havia me debruçado sobre a questão do método¹⁹, sobre o modo como deveria proceder no campo da pesquisa²⁰. Naquela ocasião, preocupada com outras questões, tinha apenas uma vaga ideia sobre isto. Estava seduzida pelas questões do encontro e não pelas de como encontrar-se com o outro. A intenção inicial era de encontrar os sujeitos, conversar com eles, registrar essa conversa, depois narrar as histórias que tivesse ouvido e pronto! Narrar histórias colhidas, nascidas entre mim e os outros. Histórias de mulheres negras.

Embora a ideia da pesquisa continue a mesma, meus/minhas colegas de turma me fizeram ver que era preciso explicitar o como – como seria desenvolvida a pesquisa. Pensar qual seria o método e sua metodologia. Embora toda pesquisa tenha um método, um modo de proceder, mesmo que não seja explicitado, percebi que não bastava apenas dizer. Percebi ainda que o “como” proceder não era tão óbvio assim para outras pessoas. Portanto, a partir desse incômodo, julguei necessário refletir sobre ele. Pensar a respeito, não apenas para responder aos meus colegas, antes para responder a mim mesma sobre isto. O melhor jeito foi escrever.

Assim, este texto é a minha resposta a eles e a mim mesma. Embora já assinalado pela banca de qualificação como coisa não necessária, ele é importante para mim, pois contribui para meu próprio entendimento a respeito do método e para o meu processo de formação, razão pela qual insisto em mantê-lo.

Tal resposta foi construída a partir das seguintes perguntas que meus colegas me lançaram com certa ironia: “Que banca aceitará uma pesquisa que não explicita seus métodos?”, “Qual o seu método?”, insistiam todos. Embora eu estivesse na dúvida e talvez descrente das perguntas, elas, no entanto, abalaram minhas supostas e precárias convicções, obrigando-me a “sair da minha zona de conforto”, a fim de dar uma resposta –, mas não a resposta, pois, essa não existe. Mais que responder a eles, senti a necessidade de responder a mim mesma. Em outras palavras, “colocar os pingos nos is”.

¹⁹ Segundo o dicionário Aurélio, método é conjunto de processos racionais para fazer qualquer coisa ou obter qualquer fim teórico ou prático.

²⁰ Campo é o lugar onde podemos observar fatos e fenômenos exatamente como ocorrem.

Estas perguntas se tornaram questões e provocaram em mim uma necessidade de resposta. É a resposta a estas perguntas que procuro dar aqui. Embora ainda que de forma incompleta, espero ter conseguido, pelo menos em parte, fazê-lo. Por enquanto, elas me ajudaram a compreender um pouco mais aquilo a que eu não tinha dado a devida importância; que o outro nos fez ver. Ver aquilo que não via antes: refletir sobre as questões do método de pesquisa no campo das ciências humanas. Na busca por essas respostas –, respostas que, como disse, devia a mim e aos outros –, acabei por me convencer de que não era verdade que não tinha método; eu ainda só não o havia objetivado.

Hoje, depois da escrita desse texto-resposta, estou consciente: “o método” existe, mas não existe como coisa pronta e acabada. Não existe “O MÉTODO” em si. O que existe são métodos. Método é arte que não se copia, mas se inventa no cotidiano da pesquisa em que o fazer – *táticas dos praticantes* – é também o seu pensar cotidianamente²¹. Ele é uma linguagem em que o pesquisador se expressa. Uma atitude, um comportamento que se assume frente aos sujeitos da pesquisa e frente à escritura do próprio texto de pesquisa. Mas sobre isto ainda tenho muitas dúvidas. Talvez tenha parado no ponto em que deveria ter começado. A única certeza é que o encontro e o diálogo com o outro são sempre produtivos e criativos. Se não fosse o outro, jamais esse texto teria sido escrito. O diálogo que decorre de todo encontro com o outro talvez seja a essência do método que busco. Por isso tudo, agradeço a existência de todos os outros. É a eles que sempre me reporto, produzindo discursos, enunciando-me. Talvez a questão “Qual o seu método?” ainda continue uma pergunta parada no ar. Uma questão que pertence a cada pesquisador pessoalmente. Estou convencida de que, qualquer que seja o método a adotar, uma coisa é e está em pleno acordo com os versos dos compositores sambistas. “O caminho é meu. Deixa eu caminhar, deixa eu” (Beringela/Paulinho Mocidade²²). O método tem que estabelecer uma relação, não mecânica, mas orgânica com cada pesquisador, bem como sua responsabilidade, sua unidade de sentido.

Por isso, embora tenhamos sido questionados por alguns membros da banca de qualificação a respeito de necessidade ou não deste capítulo no âmbito de nossa pesquisa, preferimos conservá-lo. Se, por um lado, concordamos inteiramente com a

²¹ “Táticas – é a ação realizada na hora, no momento. O que acha não guarda, tem que constantemente jogar com o acontecimento para os transformar em “ocasiões”.” (CERTEAU, 2012:46)

²² Rádio UOL. Seu caminho é meu. Beringela e Paulinho Mocidade. Disponível em: <http://www.radio.uol.com.br/#/letras-e-musicas/dorina/se-o-caminho-e-meu/339845>. Acesso em 06/2013.

posição da banca, por outro percebemos que este é mais um daqueles momentos que comprovam que o outro, inequivocamente, interfere em nossa formação. Embora desnecessário, ele é parte de nosso esforço de reflexão, de nossa formação. Foi importante para reafirmamos aquilo que, por um momento, duvidamos não ter, mas que já tínhamos intuitivamente. Faltava explicitá-lo. Respondo então, não à banca examinadora, mas a todos que se mostraram preocupados com as questões do método e que duvidaram se eu tinha um método. Respondo, sobretudo, a mim mesma, com as minhas palavras e também com as palavras alheias.

*

7. Seguindo os passos e construindo o caminhando

Traçar o perfil teórico-metodológico de uma pesquisa será percorrer uma longa estrada de caminhos-pensamentos cruzados que já foram compartilhados, praticados e predicados por outros que já o caminharam/caminham. Tenho percorrido esse caminho junto com Bakhtin, Benjamin, Certeau, Arendt, Spivak, Boaventura, Quijano, Fernando Pessoa, Descartes, Todorov, Bhabha, bell hooks, Nilma Lino Gomes. Tenho andado, portanto, pelos campos da Literatura, da Filosofia, da Sociologia, da Antropologia, da Epistemologia, da Teologia. Enfim, caminhos da Ciência, da Arte e da Religião. Caminhos que são “prisões” ou “campos de concentração” dos conhecimentos, formas de ver o mundo, ideologias.

Caminhos híbridos de encruzilhadas, de vidas entrelaçadas, tecidas nos gestos e nas palavras, narrativas de silêncios, de esquecimentos e de lembranças. Caminhar é preciso, mas não tão preciso assim, pois é preciso sempre pensar sem corrimões, sem a segurança dos hábitos e dos costumes (Arendt²³). Pensar na contramão, relegar a dependência intelectual que adquirimos na escola. Acreditar em tudo, duvidar de tudo, distinguir o falso do verdadeiro (Descartes). É estabelecer um diálogo com “o grande tempo²⁴” (Bakhtin), com todas que nos antecederam, ouvir e tomar para si as palavras dos alheios ao alheio (Benjamin e Bakhtin). Ler desinteressadamente²⁵, ouvir verdades ou mentiras, coisas boas e más. Ouvir. Percorrer uma estrada construída, mas não concluída. Nunca estará.

Por isso, devo confessar que é das artes do fazer, ler, escrever, pesquisar; é caminhando que estes caminhos têm se apresentado a mim. Como caminho-labirinto, não linear, que se vai por aqui, por ali, até encontrar um rumo. Até a porta de saída. Neste caminhar do caminho da minha pesquisa, tenho percebido que a porta de saída é também a porta de entrada. O fato é que não há saída, coisa que compartilho com vocês.

²³ Arendt, ao falar de um “pensar sem corrimão”, refere-se à perda das certezas e ao apoio que as tradições nos oferecia, categorias e valores que serviam de orientação para o pensamento. (ALMEIDA, 2008:3).

²⁴ Segundo Bakhtin, um diálogo com o grande tempo é falar do presente, levando em consideração o passado, pois nascemos num tempo presente mas não nos alimentamos apenas de sua atualidade. Não se vive nos séculos posteriores se não se impregnou, de alguma maneira, dos séculos anteriores. (Bakhtin, 1982: 349).

²⁵ Entendo o ler desinteressadamente com a seriedade que toda leitura exige, porém sem amarras de encontrar uma explicação para tudo.

Neste caminhar, tenho aprendido com as leituras, sobretudo com as de Bakhtin, que qualquer que seja nossa decisão, qualquer que seja o percurso, o caminho será meu e do outro. Qualquer que seja a escolha, o caminho não se oferece de imediato, terá que ser construído-desconstruído a cada passo. Passo a passo e atento ao que se passa e ao que passa. Método que não se ensina, mas que se aprende e se apreende no ato, no instante do voo. Métodos são artes do fazer, invenção cotidiana que aprendi também com Michel de Certeau (2012) em um livro que tem como título “Invenção do Cotidiano”.

Diferentemente do provérbio “caminhante, não há caminho”, em nossas pesquisas estamos sempre diante de uma encruzilhada. Encruzilhada que nos convida ou nos obriga a seguir por/em várias direções: Norte, Leste, Oeste, Sul. No meu caso, na rosa dos ventos da pesquisa, escolhi duas: “Epistemologias do sul” (Boaventura) e a “Estética da criação verbal” (Bakhtin). Para pensar o sul como não se houvesse o norte. Para pensar as mulheres como não se houvesse homens. Sem dicotomias: isto também é aquilo. Pensar isto e aquilo. Ambos ou nenhum. Pensar as mulheres enquanto discurso enunciativo, como “objeto” expressivo.

Portanto, estou convencida de que caminhar é preciso no sentido de “necessário”, mesmo que tal coisa ainda não seja totalmente precisa, com rumo certo. Acho que nunca será. Deste modo, a cada um de nós, pelo menos no meu caso, cabe jogar os dados ou os búzios e, nos azares da sorte, traçar o destino (os destinos), escolher sem excluir (ecologia do saberes²⁶) por qual via trilhar na reflexão e na autorreflexão. Assim como na vida, pesquisar é assumir responsavelmente os riscos de nossas escolhas. Não há álbi²⁷. Sou inteiramente responsável por ele (filosofia do ato). Ser ou não ser: ser ator e autor das palavras. Ser autor e coautor.

Dentre todas as responsabilidades com a palavra-minha e com as palavras-alheias²⁸, uma nos aparece como essencial: não repetir o feito, o pronto, o acabado, o que já foi produzido. Impossível repetir: só posso tomar as palavras se as tomo como se fossem minhas. Quando me aproprio delas. O meu maior trabalho tem sido o de traduzir

²⁶ Ecologia dos saberes - Segundo Boaventura Souza e Santos, como cada saber só existe dentro de uma pluralidade de saberes, nenhum deles pode compreender-se a si próprio sem se referir aos outros saberes. “Os limites e as possibilidades de cada saber residem, assim, em última instância, na existência de outros saberes e, por isso, só podem ser explorados e valorizados na comparação com outros saberes.” (SANTOS, 2008:28)

²⁷ Não haver álbi é não ter nenhuma justificativa para não pensar ou não criar aquilo cujas condições de possibilidade advêm da minha singularidade enquanto sujeito.

²⁸ Quando enuncio, minha fala está permeada de vozes minhas e alheias, pois nossas enunciações sempre são as junções de nossas falas e das falas que ouvimos desde antes de nosso nascimento.

as palavras alheias em palavras-minhas. Tem sido traduzir-me até que as palavras do outro impregnem meus sentidos e passem a fazer parte de minha carne, encarne-se, torne-se texto oral ou escrito. “Palavra minha-alheia” (Bakhtin), mas que é sempre de inteira responsabilidade minha até que algum outro a tome para si, dando continuidade ao jogo: minha-tua, tua-minha.

O fato é que, diante do território ocupado, civilizado, conservado e interpretado pelos que me antecederam, cabe-nos aproveitar-nos do oferecido, apropriar-nos de uma tradição, não para repeti-la, mas para *fabricar com* (CERTEAU, 2012). *Fabricar com* e a partir das vozes que nos precederam, penetrando, assim, na cadeia dos enunciados a fim de atualizá-los *em e nas* nossas palavras, minhas e de outros. É na vida cotidiana que toda obra se renova, ganha nova vida e novo sentido, torna-se viva, palavra bivocal (Bakhtin²⁹). Torna-se signo³⁰. Em todos os casos, nem primeira nem derradeira, tampouco única, mas polifônica, responsiva.

Conforme tenho aprendido em minhas leituras de Bakhtin, palavras alheias podem ser transformadas em minhas, pois cada enunciado, cada obra, é a expressão de duas ou mais consciências que dialogam, oferece duas (ou mais) visões de mundo. Conversa de um “eu” com um “tu”. A visão de um eu e a visão de um tu a respeito de um Ele, o objeto e tema do diálogo entre mim e o Outro, a coisa a ser tratada. Mais que inventar algo novo, caminhar de novo. Seguir ou não as pegadas dos outros. O que aqui se inventa é o caminhar infinito de uma estrada sem começo e sem fim na “ordem do discurso” (Foucault)³¹. Caminho e método são consequências. História que depois se conta. História que se pode ficar contra ou a favor; que se pode responder ou acrescentar ou esquecer.

A expressão “não há caminhos”, mais que negar as possibilidades de sua existência, quer indicar-nos as possibilidades de sua condição: a de que o método só passa a existir pelos passos de cada caminhante. Só passa a existir quando vivemos uma história e podemos narrar uma história a respeito do acontecido. O método não existe no princípio. O método também não está no fim. O método é o meio que se descobre em meio às armadilhas do mundo, entre os espinhos e as pedras do caminho. Emerge do desejo de uma procura, procura que não termina. Pelo menos comigo tem sido assim.

²⁹ Em “O Discurso no romance”, Bakhtin propõe que o termo “bivocal” seja utilizado para designar a palavra que é usada para expressar a intenção (voz) do autor e a intenção (voz) do personagem.

³⁰ A partir das leituras feitas dos escritos de Bakhtin, penso “signo” como a construção de um discurso, que é “criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dele”. (BAKHTIN 1995:33)

³¹ FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Ed Loyola, 2010.

Conforme tenho percebido em nossas conversas, a sensação de não ter chegado ao final parece que acomete a todas que se envolvem em alguma aventura filosófica ou científica. Para comprovar tal fato, bastaria abrir alguns livros, teses ou dissertações. Em todos, pairava a dúvida. Em quase todos havemos de nos deparar com essa sensação de algo inacabado. Desta sina não escaparam nem mesmo os grandes autores como, por exemplo, Kant, em “A crítica da razão pura”:

Se a elaboração dos conhecimentos pertencentes ao domínio da razão pura segue ou não o caminho seguro de uma ciência, isto deixa-se logo julgar a partir do resultado. Quando após muito preparar-se e equipar-se esta elaboração cai em dificuldades tão logo se acerca do seu fim ou se, para alcançá-la, precisa frequentemente voltar atrás e tomar outro caminho; (KANT, 1999, p. 35)

Todavia, Kant não julga tal fato como um tempo perdido, mas como acontecimento notável na vida cada pesquisador.

(...) já é um mérito para a razão descobrir porventura tal caminho, mesmo que se tenha abandonar como vã muita coisa contida no fim anteriormente proposto sem reflexão (idem).

Para continuar nossa breve exposição de fracassos bem sucedidos e cotidianos na história da ciência e da filosofia, poderíamos tomar ainda, como exemplo, a resposta que Thomas Edson, inventor da lâmpada elétrica, deu a um jornalista que lhe perguntou como se sentia tendo fracassado tantas vezes. A resposta dele foi a mais instrutiva e serve para qualquer pesquisador. Respondeu Edson ao jornalista: “Eu nunca fracassei, inventei a lâmpada! Só que, para chegar lá, foi preciso uma caminhada de dois mil passos”.

As declarações de Kant, a resposta de Edson e os curtos enunciados que registramos anteriormente são fragmentos de conversas esparsas, frases que também ouvimos no cotidiano da pesquisa, nas conversas de corredores, durante as aulas e encontros com colegas e professores. O caminho (o método) não é um absoluto concreto, tampouco uma teoria somente, mas tática de praticante, invenção do cotidiano (CERTEAU, 2012). Ele é teoria praticada e prática teorizada. Nos dois casos, uma invenção cotidiana. Um verbo (ação) que se conjuga no presente e na primeira pessoa

do singular: *eu caminho* o caminho que me caminha. Nesse sentido, ninguém mais poderá traçá-lo por mim. Frente a ele, só duas possibilidades: caminho ou não caminho. Se não caminho, não há caminho, não há descoberta alguma que valha a pena. A caminho da razão pura ou da descoberta da lâmpada, existe o caminhar nas trevas. Segundo o “Ensaio sobre a cegueira” (SARAMAGO, 1998), “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” (epígrafe).

Assim como Certeau (2012:176), em “A fala dos passos perdidos”, também estamos ao rés do chão. Nossos passos são números (inúmeros), mas números que não se podem contabilizar, quantificar, apenas qualificar. Não há como guardá-los, a não ser contando, registrando a história do seu acontecimento. Do seu fluxo e refluxo, contar a história do encontro de um sujeito com outros sujeitos. Sujeitos-objetos. Sujeitos que se objetivam e que se dão acabamento. Daí optar pelo gênero narrativo: contar e ouvir histórias. Histórias que não são verdades nem mentiras. São modos, visões do outro sobre o mundo. Em cada passo, um estilo de apreensão tátil, de apropriação da voz alheia que envia ou desvia, que avisa sobre a nossa incompletude, a ignorância. Pode um ignorante instruir outro? Rancière mostra que sim, porque

Quem busca, sempre encontra. Não encontra necessariamente aquilo que buscava, menos ainda aquilo que é preciso encontrar. Mas encontra alguma coisa nova, a relacionar à coisa que já conhece (RANCIÈRE, 2010, p. 57).

O caminho é a metáfora que indica um movimento interior e exterior em que o pesquisador/a encontra-se completamente enredado, ao mesmo tempo, como autor-homem e autor-criador. Como sujeito e objeto. Sujeito que se objetiva em palavras. Que se objetiva a partir do olhar do outro. Que encontra o seu acabamento a partir do olhar do outro que o contempla de fora (exotopia³²). E, neste sentido, os caminhos estão sempre por ser abertos, são inúmeras as possibilidades, de tal modo que pareceria inútil traçar definitivamente qualquer método ou metodologia para percorrê-lo com segurança absoluta. O que existe são tentativas, apreensões táteis. Ausculta. “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena” (Fernando Pessoa).

³² Exotopia: olhar de fora.

O outro não pode ser pré-visto nem previsto. O outro é imprevisto. Pois não é um objeto, mas um sujeito que se expressa livre para responder. É livre. Caso contrário, isto seria roubar-lhe a humanidade. Seria também tentar retirar o frescor e a surpresa de toda e qualquer conversa, de todo e qualquer encontro com o outro. A incerteza dessa incompletude, dessa impossibilidade de previsão, é que torna a atividade de pesquisa uma atividade viva e criativa. Ativa. É a voz do poeta que nos indica o melhor protocolo de pesquisa. Olho que vê e repara. Atento.

O meu olhar é nítido como um girassol.
 Tenho o costume de andar pelas estradas
 Olhando para a direita e para a esquerda,
 E de vez em quando olhando para trás...
 E o que vejo a cada momento
 É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
 E eu sei dar por isso muito bem...
 Sei ter o pasmo essencial
 Que tem uma criança se, ao nascer,
 Reparasse que nascera deveras...
 Sinto-me nascido a cada momento
 Para a eterna novidade do Mundo. (CAEIRO, 1914:3-8).³³

Não haverá melhor conselho para se ouvir: manter um olhar nítido e não fixo. Olhar sem se deter apenas em um único foco, em uma única direção, mas olhar em todas as direções: à direita e à esquerda; para trás e para frente. Olhar que não se acostuma, mas que, a cada momento, espanta-se. Admira. Mira. Olhar curioso feito o de uma criança. Olhar que nos deixa abertos, prontos para ver a eterna novidade do mundo. Olhar ambíguo que conjuga eternidade e novidade sobre as coisas que há no mundo (Arendt). Olhar complexo, não reductivo, mas holístico.

É esse olhar ingênuo, delicado, desarmado e poético que torna possível duvidar de cada uma das certezas preconcebidas. Que faz “pensar sem corrimão” (Arendt). Faz rejeitar métodos e metodologias de pesquisa que impõem um único tipo de olhar. Que faz criticar um tipo de olhar que Boaventura (2008) qualifica como arrogante e indolente³⁴. Olhar eurocêntrico no qual todos foram educados e se encontram enredados, conforme indica Quijano (2008) em seu artigo sobre a “Colonialidade do poder e classificação social”, no livro organizado por Boaventura de Souza Santos e

³³ Alberto Caiero, heterônimo de Fernando Pessoa.

³⁴ Boaventura Souza e Santos chama de indolente o modelo de ciências pautado na racionalidade moderna.

Maria Paula Menezes sobre as “Epistemologias do sul”. Nas palavras desse autor, é imperioso perceber que o eurocentrismo³⁵ não é exclusivo dos europeus, mas também do conjunto dos que vivem e se educam sob as condições dessa hegemonia.

Somos contrários à certeza de uma viagem segura, sem previsão de imprevistos que nos retirariam o brilho do nosso olhar de criança. Encontrar o novo ou renovar o velho pressupõe sempre uma margem de insegurança, pressupõe sempre a existência de abismos e de buracos na estrada que, apesar da eminência do fracasso, todos vão percorrer. Por isso, é possível afirmar o óbvio: o mapa do percurso não é percurso, é apenas seu simples rascunho. O percurso só passa a existir de fato depois de percorrido por cada pesquisador/a que, a exemplo dos aventureiros, não segue apenas por caminhos já roteirizados e previstos, mas constrói e reconstrói, a cada passo, sua própria viagem. Para o pesquisador, viajar é trabalhar no campo do alheio, pronto e aberto aos imprevistos com que o outro sempre nos brinda.

O método existe e sempre será necessário em qualquer pesquisa; só que jamais nos garantirá uma viagem tranquila e segura. Neste ponto, tenho ao meu lado as palavras de Descartes, um dos “pais” da ideia de método. Segundo ele, é a dúvida sistemática³⁶ sobre tudo que existe, existiu ou virá a existir que nos põe em movimento, jamais nossas certezas prontas e acabadas, nossos preconceitos³⁷, nosso senso comum.

Entretanto, enganam-se todos aqueles que julgam que Descartes tenha tido a intenção de oferecer um método seguro. Se esta ideia existe, a culpa não é dele, mas de seus comentadores que afirmam a universalidade e validade de um método seguro. Nas páginas iniciais de “Discurso do método”, ele, o “pai” do método, confessa seu verdadeiro propósito: contar sua história pessoal enquanto uma história da busca do conhecimento seguro. Portanto, buscar um conhecimento seguro não é o mesmo que garantir um método seguro, mas um esforço pessoal, uma aventura pessoal na tentativa de encontrar a verdade, jamais uma garantia.

Meu propósito não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir sua razão, mas somente mostrar de que modo me

³⁵ Ideologia propagada desde o Império Romano, em que se afirma que a Europa é o centro do mundo

³⁶ Sistemática, na Biologia, é a ciência que se ocupa da classificação dos seres vivos.

³⁷ Significado da palavra “preconceito” segundo o dicionário Aurélio: “S.m.1. Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; ideia preconcebida. 2. julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste; prejuízo. 3.P.ext. superstição credence, prejuízo. 4. P. ext. Suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, etc.”

esforcei para conduzir a minha. Os que se aventuram a fornecer normas devem considerar-se mais hábeis do que aqueles a quem as dão; e, se falham na menor coisa, são por isso censuráveis. Mas não propondo este escrito senão como uma história, ou se preferirdes, como uma fábula, na qual, entre alguns exemplos que se podem imitar, encontrar-se-ão talvez também muitos outros que se terá razão de não seguir, espero que ele será útil a alguns, sem ser danoso a ninguém, e que todos me serão gratos por minha franqueza (DESCARTES, 1999, p. 37).

A passagem da obra de Descartes é surpreendente, pois revela um autor totalmente ignorado por muitos leitores que se limitam a apenas a criticar o método que passou a fazer parte de uma tradição das ciências em geral. Nesta passagem, é possível ouvir uma voz que chega do passado e que ainda precisa ser compreendida. Descartes, em momento algum quis impor ou fazer-nos crer em um método seguro e que seja válido para todos e para todo o sempre. Antes, quis contar uma história, de como ele percorreu o caminho até o método que pretende relatar, esperando que este, embora ainda imperfeito, possa ser de alguma utilidade para alguns e não cause dano a ninguém. Ele deseja que o imitem, não apenas no método, mas anseia que cada pesquisador o crie ou recrie, no decorrer de sua própria existência e como parte de sua história.

Ousamos afirmar que não é o método seu maior legado para a ciência ocidental, mas sua dúvida, pois é a dúvida que instiga, é a superação da ignorância que nos faz transcender o senso comum. Não duvido porque existo, mas só posso existir na dúvida de minha existência, no sentimento de minha incompletude. Por isso, “viver é perigoso” (Rosa). Pesquisar também o é. Meu método é igual ao de todo mundo. Meu método é a dúvida. A dúvida do caminho. É dúvida que põe a caminhar, a pesquisar.

8. O outro no caminho e, no caminho do outro, a dúvida.

Por toda a trajetória percorrida até aqui, foi possível perceber que, em ciências humanas, não há receita ou fórmula pronta que possa ser aplicada mecanicamente ao outro. Há apenas caminhos que cada qual, a exemplo dos viajantes mais experimentados, traça na sua viagem. Não há mapas, só traço dos passos. Nenhuma receita pronta. Só dúvidas. Incertezas. Interrogações. Imprevistos. Para a ciência, mais importante que a resposta é a pergunta. Aonde vamos? É a pergunta, a dúvida que mobiliza, faz caminhar em direção ao outro.

A pergunta é o caminho para a escolha do método. Qual dos métodos parecerá o mais adequado? A resposta só se encontra caminhando durante a pesquisa. Nem antes nem depois. A liberdade de escolha do sujeito pesquisador é o critério e o próprio sentido da pesquisa. A liberdade é o jeito que cada pesquisador encontra para *fabricar com e partir de*: “fiz desse jeito”; “vou fazer assim”; “foi então que percebi que havia cometido um equívoco”; “quando ele me falou, me dei conta que isto poderia fazer parte da minha pesquisa”. Traçar o caminho será, em última instância, traçar o perfil do próprio pesquisador/a, o modo como ele/ela procedeu durante sua pesquisa. Dessa decisão surge o seu retrato, não do autor-homem da vida que reage ética e emocionalmente, mas do autor que busca uma resposta estética, criativa e razoável a partir de sua ausculta sensível³⁸.

Embora haja muitos manuais que ensinem os modos de agir, os métodos de pesquisa, neste momento de partida e depois de tudo que já foi dito, há apenas um caminho que parece mais apropriado (caminho também inventado): o caminho do diálogo e do encontro com o outro. Porque a pesquisa no campo das ciências humanas não pode prescindir da relação com o outro. Seja esse outro os autores escolhidos como referências teóricas, sejam os sujeitos informantes partícipes desse diálogo em torno da coisa a ser pesquisada.

Nesse sentido, a busca pela “verdade” ou a investigação da realidade no campo das ciências humanas é dupla, polifônica³⁹ e polissêmica⁴⁰. É a resposta que procuro

³⁸ Ausculta sensível: o pesquisador deve ter uma escuta sensível, um olhar atento e uma compreensão ativa (BAKHTIN, 1999).

³⁹ Polifonia são várias vozes que estão presentes no diálogo (pergunta e respostas).

⁴⁰ A partir das minhas anotações das aulas ministradas pelos professores Carlos Roberto Carvalho e Flávia Naethe Motta, passei a compreender que toda palavra é polissêmica, pois ela se presta a vários sentidos.

para os outros, homens e mulheres que nos precederam nas perguntas “O que lhe parece o mundo?”, “O que você tem a nos dizer a respeito de tal ou tais coisas?”, “Qual o seu ponto de vista?”⁴¹. E, nesse sentido, não passo ou me torno um/uma pesquisador/a porque quero apenas, mas porque o outro me interpela e me incita a produzir uma resposta. Benjamin (1985, p. 223) diria que este é “um encontro marcado entre as gerações precedentes e a nossa”. Um compromisso inadiável, sem o qual nem mesmo os mortos estarão a salvo das injustiças que já se cometeram.

É o desejo desse encontro previamente agendado com o outro que leva o/a pesquisador/a tomar decisões tanto no campo empírico como no teórico⁴². É ele que determina o como e o porquê de toda pesquisa. Em um caso ou no outro, o movimento que se faz é sempre em direção ao outro e ao objeto que se quer examinar. O objeto é sempre o mundo entre eu e o outro. É essa tarefa dupla que nos cabe aqui examinar: as relações entre eu e os demais outros que estão ou estiveram no mundo, e que participaram de sua construção histórica. Outros que nos antecederam e outros com os quais convivo.

Trata-se de saber como se aproximar do outro e apresentá-lo no texto. Como um objeto que alguém procura apenas pra obter informações e nelas apoiar os argumentos, ou como um sujeito pleno de valores, com vontade própria, capaz de exprimir a si mesmo e ao mundo. Capaz de dialogar ativa e criativamente em torno de uma questão ou assunto.⁴³

Conforme os textos de Bakhtin, em ciências humanas, diferentemente das ciências naturais, o trabalho do pesquisador não pode prescindir da relação ativa com o outro, do encontro entre um eu e um tu, do encontro entre duas consciências imiscíveis que se interpenetram, mas que não coincidem. Relação que trata tanto do conhecimento da coisa (o mundo interposto entre nós) quanto do conhecimento do indivíduo. Indivíduo que se revela em suas próprias palavras. Expressa a si mesmo e ao mundo conforme assim lhe parece.

As perguntas que são lançadas ao outro: “como lhe parece ou lhe aparece tal coisa?”, “o que você tem a nos dizer a respeito disso?”. Todavia, tais perguntas não pretendem descobrir a verdade e tampouco a de buscar uma explicação. Antes, interessa

⁴¹ Segundo Boff (2007), “todo ponto de vista é a vista de um ponto”.

⁴² Discurso na vida e na arte.

⁴³ FREIRE, Paulo Freire. **Educação como prática da liberdade**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

saber, no diálogo com esses outros, como lhes parece o mundo. Não o mundo como deveria ser, mas da forma que ele é ou está sendo ou lhes parecendo. Só a partir da forma que o mundo me aparece é que posso interferir nele. É com base nessa aparência que oriento o meu agir.

Em todos os casos que poderiam me acometer nesse início, uma coisa se apresenta como certa e indubitável: trabalhar no campo das ciências humanas é trabalhar *com* e na *presença* de outras mulheres/homens. Se não estou entre as mulheres/homens, estou morta. Viver entre as mulheres/homens é condição de minha humanidade. É trabalhar com a palavra dos outros. Com as visões de mundo que o outro revela em seus discursos sobre a realidade. Realidade que o outro, às vezes, confunde e vê como uma verdade. Certamente, nem uma coisa nem outra, “apenas” discursos do outro sobre o mundo. Discursos dos outros que ajudarão a ampliar a visão. Visão do mundo que eu e outro compartilhamos. Daí sua importância.

Mais que o tema, importa-nos buscar os meios, talvez os princípios, que irei seguir para atingir os objetivos, quaisquer que sejam: descobrir, ou tentar recolher pontos de vistas em torno de um determinado assunto que seja de interesse meu e do outro. No entanto, sei logo de partida, que tais propósitos jamais serão atingidos plenamente. Entre eu e o outro não está apenas o mundo, mas muito mais coisa que possa supor a “nossa vã filosofia”. Conforme Bakhtin (2006), a verdade existe, mas nós não a temos. Todavia, é ela que sempre devemos procurar. Sem essa vontade de verdade (inatingível), nenhum texto científico pode ser escrito como ato responsável e responsivo⁴⁴. Bakhtin (idem) afirma ainda que a verdade, caso existisse plenamente, jamais poderia ser propriedade de um homem só; que homem algum poderia privatizá-la. Só se pode tentar atingi-la na medida em que examine-a sob vários pontos de vista, sob os pontos de vista de outros homens. É na pluralidade da comunidade humana, na variedade das respostas possíveis e disponíveis no seio de uma determinada sociedade, que se pode aproximar e tentar compreender as realidades do mundo. “Um sólido que se desmancha no ar” (MARX e ENGELS, 2002)⁴⁵ e as pessoas, eu e outro, são obrigadas a encarar com serenidade, respeito e tolerância⁴⁶ nossas posições e nossas relações

⁴⁴ Ato responsável e responsivo: o sujeito não é “fantoche” das relações sociais, mas um agente responsável por seus atos e responsivo ao outro, como alguém dotado de um “excedente de visão”, a capacidade de saber sobre o outro o que este não pode saber. (SOBRAL, 2009:124)

⁴⁵ Manifesto comunista.

⁴⁶ A palavra “respeito”, que deriva do latim, significa atenção ou consideração; já tolerância também vem do latim e significa suportar, aceitar.

recíprocas. O outro (que não sou eu) é igual a mim, com plenos direitos. Ocupa um lugar no mundo que só ele pode ocupar. Lugar único, insubstituível.

Daí se pode afirmar e confirmar a importância do outro no transcorrer da pesquisa, não como mero coadjuvante, mas como sujeito autônomo, pleno de valor. Como tal, capaz de responder e de oferecer outras visões sobre as realidades do mundo. Porém, não se trata apenas de saber tão somente o que o outro pensa, tampouco de confirmar o que eu penso a partir da resposta do outro. A história do mundo não pode ser vista de um único ponto. Não é história única (Adichie)⁴⁷, mas polifônica. História que tem um lado só é mentira, tirania, silenciamento. Falta de consideração, de amor pela humanidade. Quando desconsideramos as histórias dos outros, desconsideramos não apenas a sua história, mas eles próprios. Se o outro é imprevisto, não pode ser pré-visto, previsto, não pode ser calculado, medido, antecipado. O outro é dúvida; não propriamente o outro em si, mas o encontro com o outro. Sobre isto, adverte-nos Arendt (*apud* BHABHA, p. 34): “o autor da ação social pode ser o inaugurador de seu significado, mas como agente, ele ou ela, não pode controlar o seu resultado”. Assim como os caminhos, o outro existe, mas só passamos a conhecê-lo de fato quando entabulamos com ele um diálogo. “Falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008). Assim como ele, só é possível pesquisar quando ele fala conosco. É o outro que me completa, me dá o acabamento, completa a minha história (a minha e a dele). Mais uma vez segundo Bakhtin (2006), contar e ouvir histórias são formas de buscar uma intimidade com o outro.

São os ângulos do falar-ouvir o outro que determinarão o sentido da pesquisa, determinando também os caminhos que o autor-homem percorre desdobrando-se em autor-criador⁴⁸. Coautor e contador de histórias. É este desdobramento que torna possível a criação de qualquer obra artística ou científica a que o homem dá vida⁴⁹, em que se torna um autor-criador, um artista, um fabulador, um contador de história sobre si e os outros. Histórias que não são verdades nem mentiras, mas pontos de vista sobre o mundo. Mentiras e verdades, ambas ou nenhuma. Histórias únicas que precisam ser ouvidas na tentativa de formar o todo. Cada história é única, mas não é única a história.

⁴⁷ ADICHEI. O perigo de uma história. Em: <http://www.youtube.com/watch?v=O6mbjTEsD58> parte 1; <http://www.youtube.com/watch?v=SZuJ5OOp1Nc> parte 2. Acesso em 21/07/2013.

⁴⁸ O autor-criador, segundo Bakhtin, existe no ato da escrita. Quando escreve, possui o que chamamos de excedente de visão em relação ao personagem, já que ele sabe mais sobre o futuro do personagem do que o próprio, que está ali vivendo a história. Uma dica para se pensar o autor-criador e o excedente de visão é o filme “Coração de Tinta”.

⁴⁹ O homem da vida é o homem comum.

9. A importância do diálogo no encontro com o outro.

A partir das leituras dos textos de Bakhtin e de outros comentadores de seus textos, hoje sei que aprender a ouvir o outro é de fundamental importância para se encontrar com ele. Esse talvez seja, hoje, o maior desejo: ouvir, ouvir, ouvir, e falar só quando muito necessário.

Meu desejo é que essa dissertação seja dialógica⁵⁰, polifônica. Um encontro de vozes. De vozes que se entrecruzam nas entrelinhas do texto; vozes dos teóricos como Bakhtin, Ponzio, Nilma Gomes, entre outros; vozes de pessoas comuns e muito importantes em minha vida, como a minha família; vozes dos amigos, dos colegas de turma e de trabalho com quem conversei; vozes das mulheres que encontrei e escolhi como interlocutoras para produzir o material de pesquisa; enfim, vozes que ouvi. Vozes que procuro responder com as palavras-minhas e alheias.

Nesta tarefa, a de construir um texto dialógico, Ponzio (2007) nos oferece uma reflexão bem adequada para pensar sobre isto. Ponzio divide o diálogo em três partes: o diálogo fim em si mesmo; o diálogo com a função de obter algo; o diálogo indagativo e de cooperação.

Para o autor, o diálogo fim em si mesmo é o diálogo como conversa de passatempo: o falar por falar. Desse ponto de vista, assume uma configuração estética como diálogo conformativo-repetitivo. É o diálogo de divertimento, que não está em busca de nada. Diálogo pelo diálogo, repetidor de lugar comum, com o predomínio da corroboração, a qual exclui a diferença, o desvio, o imprevisto. Nesta primeira acepção, constitui-se em aventura, exploração, viagem sem meta precisa, comandada pela curiosidade e na qual se experimentam as próprias capacidades de conversação do outro.

Na segunda acepção proposta por Ponzio, o diálogo assume um valor instrumental. É um meio que tem um objetivo preciso: quem fala tende à própria afirmação pessoal, quer convencer, modificar as opiniões e o comportamento do outro. Nesta segunda configuração estética, há duas variantes: o diálogo como troca e como competição, ambos bastante comuns nas sociedades capitalistas dominadas pelo mito da racionalidade econômica, pela lógica do mercado da troca e da concorrência. Seu

⁵⁰ Segundo o dicionário Aurélio, “dialógico” é o que pretende provocar uma discussão, debate, diálogo.

predomínio é tamanho e de tal forma que as outras tipologias, muitas vezes, acham-se misturadas a eles e acabam sendo uma forma disfarçada dele.

Por último, Ponzio nos propõe o diálogo indagativo e de cooperação. Este, diferente dos outros dois, é um diálogo de reflexão, onde os interlocutores colaboram mutuamente para chegar à solução de um determinado problema. Nele, o eu e o tu são dois centros de valores, como dois seres responsivos e responsáveis que se escutam e que se falam. Acredito que, na pesquisa, todos os tipos de diálogo estejam presentes e é neste último que devemos nos pautar.

10. Olhando para trás e seguindo adiante.

A atividade de pesquisa começa por uma escolha. Esse é primeiro passo na série de muitos. Depois de dados milhares de passos, descobrir o assunto, o tema, a questão sobre a qual vamos nos debruçar. O pesquisador se encontra sempre no caminho. Em uma encruzilhada. O caminho, conforme dito anteriormente, não é uma estrada reta e plana, mas labirinto e repleta de abismos, em que procuramos o portal de entrada e de saída – duas portas falsas que o pesquisador só percebe ao final, quando pensa que terminou sua pesquisa. Doce ilusão. Não há saída, só portal de entrada. Porta que só se encontra no meio do caminho, não no princípio. Há sempre uma forma de escapar. A entrada é a saída e vice-versa. Todavia, isto não pode ser visto como frustração ou sentimento de fracasso. A natureza da pesquisa é a sua incompletude. Como foi dito até agora, os grandes autores e pesquisadores padecem desse mesmo mal. O mal do eterno recomeçar. Começar de novo para manter-se ativo.

Espero também ter deixado claro que não se escolhe somente o método, o jeito de caminhar, mas as pessoas com quem vamos caminhar. O caminho é também dos outros. Meu caminho faz parte de uma tradição teórico-metodológica. Faz parte de uma tradição histórica que inclui a nossa história. Nesse sentido, o texto acusa a que e a quem me filiei: a todos e todas que, no campo das ciências humanas, lidam com outros sujeitos. Não há outro jeito. Do contrário, fere-se a humanidade das mulheres e homens. Não podem e não devem ser tratados como objetos, mas como homens e mulheres concretos, portadores de valores, capazes de dar seu ponto de vista sobre si mesmo e sobre o mundo. Desse outro não se esperam apenas verdades que confirmem os pontos de vista, mas coisas que ajudem a compreender e ampliar minha visão de mundo. A descoberta do outro é a minha própria descoberta. Neste caso, ele nos é imprescindível. Tem um valor ético e estético inestimável. É o outro que me dá o acabamento. Sem eles, seria incompleto. Sem eles, não permaneceria humano.

Outro aspecto é o método em si. Embora seja impossível traçar um método objetivo, universal e único no campo das ciências humanas, também é necessário e imprescindível. Não sou, de forma alguma, contra ele. Apenas julgo precipitado antecipar modelos pré-fabricados para lidar com sujeitos livres. A liberdade é o sentido do método. Assim, o método só pode nascer no terreno interindividual entre mim e o outro. Neste sentido, não dá para calcular, prever as ações frente ao imprevisto, ao

imprevisível. O método existe sim, mas só como táticas de praticantes (CERTEAU, 2012).

Do mesmo modo que o bom cozinheiro não é aquele que copia a receita, mas o que dá seu toque de mestre, dá o seu jeito especial, meu objetivo não foi descrever uma metodologia como se fosse a única possível, mas discutir meios e possibilidades de se fazer ciência no campo das ciências humanas.

Neste campo, o sujeito se objetiva a partir de sua subjetivação. Por isso, elegi como caminho metodológico os estudos bakhtinianos sobre a linguagem. Assim como o autor, acredito que “um ser que se autorrevela não pode ser forçado e tolhido. Ele é livre e por essa razão não apresenta nenhuma garantia.” (BAKHTIN, 2011:395). Como já foi dito várias vezes no escopo desses escritos, a não coisificação dos sujeitos é um princípio ético para com nossos interlocutores, não porque devo respeitar sua fala, mas porque só existimos por meio deles; é o outro que nos concede a existência. Respeitá-lo é condição *sine qua non*⁵¹ para o sentido da minha própria existência. De fato, só existimos na díade (tu-eu), no diálogo com o outro. Por isso, escolhi o encontro como perspectiva metodológica. Importante destacar que perspectiva metodológica não é método, mas uma visão de como esperamos nos comportar e agir na presença do outro.

A respeito do tema do encontro, a poetisa Rita Reikki⁵² dá uma contribuição interessante para o sentido desta pesquisa, quando, em seu poema “Me Encontro”, afirma basicamente que o indivíduo se encontra no que acreditava que estava perdido e se subdivide no encontro sem mais julgar. Cyrulnik (1995:44) também fala sobre o tema. Segundo esse autor, “o encontro cria um campo sensorial que me descentra e me convida a existir, a sair de dentro de mim para viver antes da morte”, antes de sair do convívio humano. Nossa pesquisa se situa aí entre os homens.

Outra preocupação foi a de tentar discutir ciência por uma perspectiva desvinculada da tradição das ciências da natureza. Esta preocupação por certo me levou ao rompimento com o padrão de fazer ciência conhecido como eurocêntrico, que tem origem nas ciências exatas e é pautado no positivismo, onde só é verdade aquilo que se pode quantificar. Não se pode fazer pesquisa qualitativa a partir desses pressupostos epistemológicos. Eles servem para as ciências matemáticas e naturais, mas não para as humanas. Não se pode dividir, pesar, medir, quantificar as enunciações de um indivíduo. Esta pesquisa, portanto, se vincula àquelas linhas de pesquisa que visam à

⁵¹ Ação, condição ou ingrediente indispensável. Significa “sem o (a) qual não”.

⁵² Disponível em: <http://sitedepoesias.com/poesias/17383>. Acesso em 11/07/2012.

qualidade do que é dito, nunca à quantidade dos dizeres. A palavra, a verdade de um único homem, deve ser garantida em toda sua plenitude. E é respeitando cada mulher/homem que respeito a todas/os mulheres/homens. O desrespeito a uma/um única/o mulher/homem que seja implica o desrespeito a todos os/as demais.

Porém, mais que romper com a ciência positivista, a preocupação foi a de tentar buscar um olhar nítido e não fixo. Uma escuta sensível e um olhar alternativo que não se voltem apenas para uma única direção, mas capazes de ver e ouvir para capturar o invisível, o inaudível, a voz e o retrato dos silenciados pela História. Sempre o outro. Retrato sem estar precedido pela imagem do colonizador (MEMI, 2007). Retrato como quer Boaventura (2010): olhar o sul como não se houvesse o norte, a mulher como não se houvesse o homem. No caso da pesquisa, decidi ouvir a voz das mulheres negras intelectuais da Baixada Fluminense, como não se houvesse nem homem nem outras mulheres. Conversa entre mulheres negras da periferia. Mulheres intelectuais sem vassoura, sem avental.

11. Uma breve reflexão sobre as palavras

Conforme aprendemos com Bakhtin, somos textos, somos linguagem, somos narrativas na e pelas palavras minhas e alheias. Tudo que é humano tem seu início, começo e princípio nas palavras. O que não tem nome, o que não tem palavra que o designe e o conceitue não existe.

Palavras são, pois, ferramentas que codificam e decodificam o mundo. Elas são a origem absoluta de tudo. Até mesmo no silêncio, quando nos calamos para ouvir, elas existem interiormente tecendo discursos, costurando perguntas, esperando respostas. Nessa espera ativa e passiva, sempre intencionam algo, se dirigem para algo, respondem, perguntam.

Assim interesseiras, interessadas, interessantes, palavras são mundanas, profanas. Palavras são humanas, podem existir sem os homens, e estes não podem existir sem elas. São claros enigmas: não tem identidades fixas nem precisas. São isto ou aquilo; às vezes isto, às vezes aquilo. Às vezes, isto e aquilo. Tudo depende de quem as profira. Depende do locutor, da emoção, das entonações, da motivação. Depende de quem as fale, as escute, as avalie, as decifre. Depende do contexto histórico sempre único, da situação concreta e irrepetível.

Por isso, assim como Bakhtin, compreender a palavra é compreender o contexto de sua enunciação, de sua encarnação histórica. Segundo este autor, não são somente palavras que ouvimos ou que falamos, mas verdades, mentiras, coisas boas e más, sujas e belas. Únicas, ora isto ora aquilo, palavras são sempre o agora de sua enunciação. Provisórias e absolutas em cada momento. Eternas na sua novidade, no espaço e no tempo; num momento isto, noutro momento aquilo. Agora aquilo, agora isto, mas sempre precisas nas imprecisões da vida imprecisa. Por isso, sempre escapam dos dicionários, pulam para as esferas da vida e resistem à teoria, a qualquer forma de abstração que sobre elas se queira fazer. São sempre encarnações vivas. São sempre vivas. São pura liberdade e, como tal, de nossa inteira responsabilidade.

Certamente por elas e a partir delas, distinguimo-nos, inventamo-nos, reinventamo-nos a cada momento, apresentamo-nos, enunciamo-nos para o outro que está sempre à nossa frente, espreitando-nos, admirando-nos. Exotopia, acabamento, alteridade. Por elas, com elas e a partir delas, narramo-nos, dizemos quem somos, quem não somos, quem gostaríamos de ser, de não ser. Mesmo quando mentimos ou nos

enganamos para nós mesmos, nelas, a partir delas e por elas, revelamo-nos, construímos imagens prosaicas e poéticas sobre nós mesmos, sobre os outros, sobre o mundo. De fato, foi a palavra que trouxe ordem ao caos do mundo. Coube às mulheres e aos homens essa tarefa infinda: a de cobrir e recobrir o mundo de palavras para que ele pudesse ter e fazer algum sentido deixasse de ser um amontoado de coisas incompreensíveis para estas mulheres e homens. Daí podermos afirmar que as palavras são o começo absoluto de tudo. Sem elas não haveria o mundo.

Para sublinhar a importância e o papel das narrativas para a compreensão da história de cada coisa e de cada vida humana. Tudo pode ser narrado, mas nem sempre explicado. Tudo só pode ser compreendido nas e pelas nossas palavras, em nossas narrativas.

Elas, as narrativas, obras de palavras orais e escritas, são o modo pelo qual podemos compreender a nós mesmos e o mundo que nos rodeia. Sem as palavras, sem as narrativas, não haveria possibilidade alguma de sabermos quem somos ou quem viremos a ser. Nas e a partir das palavras, nos enunciados que elas produzem, é que as mulheres e os homens são, nascem e se despertam para o mundo, contam, recontam e inventam histórias sobre si mesmos e sobre os outros homens com os quais convivem. Sem palavras, não poderia haver história, não poderia haver ciência, arte, religião, política, sociedade humana alguma. Conforme aprendemos com o poeta Octavio Paz, as palavras são, pois, nosso patrimônio. São nossas invenções. Elas são

[...] por um lado, históricas: pertencem a um povo e a um momento da fala desse povo; são algo datável. Por outro lado, são anteriores a toda data: são um começo absoluto (PAZ, 2012, p. 52).

Logo adiante, o autor conclui: “Sem palavras não há poema; [...] tampouco há sociedade, Estado, Igreja ou comunidade alguma” (Idem).

O poeta nos faz compreender que as palavras são históricas em dois sentidos: complementares e contraditórios. Por um lado, são produtos sociais e também a condição prévia para a existência de toda e qualquer sociedade; fruto de um processo histórico e social e, portanto, datável. Por outro, são atos originais com os quais se principia toda a história social ou individual e, portanto, anteriores a todas as datas. Em ambos os sentidos, no histórico ou no anterior a este, elas são expressão de uma determinada sociedade e fundamento dessa mesma sociedade. Esta é a tarefa a que nos dispusemos no âmbito de nossa pesquisa: ouvir as narrativas de algumas mulheres para

compreender, a partir de suas palavras, as expressões (racistas e machistas) de nossa sociedade, como também os fundamentos que as sustentam.

Compreender, desta feita, não significará traçar uma teoria geral e abstrata que possa trazer-nos alguma explicação sobre a vida dessas mulheres. Somos de partido que a vida não se explica só em palavras: a vida é como ela é, foi ou está sendo. A vida não se justifica, ela simplesmente acontece “assim ou assado”. Assim como nos faz ver João Cabral de Melo Neto, em seu poema “Morte e Vida Severina”. À Mestre Carpina, o retirante pergunta se deveria lançar-se da ponte ou da vida, continuar vivo ou não. Diante de tal dilema, Mestre Carpina, dada a gravidade da resposta, diz que só a vida de cada um poderia responder, produzir sua própria resposta. Eis o que mestre, uma espécie de Sócrates dos sertões, responde sem responder:

– Severino retirante,
 deixe agora que lhe diga:
 eu não sei bem a resposta
 da pergunta que fazia,
 se não vale mais saltar
 fora da ponte e da vida;
 nem conheço essa resposta,
 se quer mesmo que lhe diga;
 é difícil defender,
 só com palavras, a vida,
 ainda mais quando ela é
 esta que vê, severina;
 mas se responder não pude
 à pergunta que fazia,
 ela, a vida, a respondeu
 com sua presença viva.
 E não há melhor resposta
 que o espetáculo da vida:
 vê-la desfiar seu fio,
 que também se chama vida,
 ver a fábrica que ela mesma,
 teimosamente, se fabrica,
 vê-la brotar como há pouco
 em nova vida explodida;
 mesmo quando é assim pequena
 a explosão, como a ocorrida;
 mesmo quando é uma explosão
 como a de há pouco, franzina;
 mesmo quando é a explosão
 de uma vida severina.
 (MELO NETO, 1995, p. 201-2)

Conforme lemos em João Cabral de Melo Neto, as palavras não podem explicar a vida, apenas mostrá-la na sua nudez e crueza, na feiura e beleza do seu acontecimento.

Mas, se não podemos explicá-la nos seus porquês, podemos, no entanto, narrá-la. Podemos mostrar como ela é ou veio a ser através de nossas narrativas mitológicas, religiosas, poéticas, científicas. Tudo, tudo é narrativa e é ação. Seguindo esse raciocínio, a vida ensina, responde no seu próprio acontecer. Neste sentido, uma resposta completa, porém sempre inacabada, porque aberta a múltiplas compreensões e interpretações. É sobre esse “é” ou “estar sendo” da vida que cada um de nós faz/fez suas escolhas, toma/tomou suas decisões, assume suas responsabilidades, se inventa e se reinventa. Assim como no poema de João Cabral, somos todos Severinos, à espera de respostas para as perguntas que a vida sempre nós faz e nos responde.

12. A pesquisa como ato de compreensão responsável e responsivo

E foi, assim, com este entendimento responsável e responsivo sobre a vida severina dessas mulheres, que nos dispusemos a ouvir e contar suas histórias. Não para explicar – já que a vida não se explica – os preconceitos, os racismos, os machismos que sobre estas mulheres incidiram e ainda incidem, mas para compreender, pelas enunciações da própria vida de cada uma, como a vida fabrica suas próprias respostas.

Como Mestre Carpina, também não temos respostas para elas, pois não podemos responder pelos outros. Cada um responde à vida com sua própria vida. Cabe a nós apenas compreender e nos comprometer solidariamente com elas. Comprometer-nos com suas lutas cotidianas, que também são nossas. Nossa resposta é a solidariedade, nunca uma prescrição do que devem fazer ou deixar de fazer. Compreender, segundo Bakhtin, é estabelecer uma relação de compromisso, um dever em relação à coisa, e frente a ela tomar uma posição, assumir um compromisso, uma responsabilidade. Para a epistemologia bakhtiniana,

Compreender um objeto significa compreender meu dever em relação a ele (a orientação que preciso assumir em relação a ele), compreendê-lo em relação a mim na singularidade do existir-evento: o que pressupõe a minha participação responsável, e não a minha abstração. Somente do interior da minha participação posso compreender o existir como evento, mas este momento de participação singular não existe no interior do conteúdo visível, na abstração do ato enquanto ato responsável (BAKHTIN, 2010, p. 66).

É com o entendimento sobre o ato responsável de compreender a vida dessas três mulheres que marcamos esses encontros para tomar uma posição singular na luta contra o racismo, o machismo e os preconceitos. Não só para narrá-los, mas para, ao narrá-los, denunciar que ainda existem e persistem no seio de nossa sociedade, não como abstrações, mas como encarnações cotidianas do existir-evento. É nisso, e tão somente nisso, que consiste o nosso papel: contar algumas histórias. Esse é, sem dúvida, o nosso compromisso e o nosso dever em relação a elas. Conforme aprendemos com Freire,

O verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles [aquelas] que, na situação concreta, se encontram convertidos em “coisas” (FREIRE, 1979, p. 19).

São, pois, depoimentos sobre os momentos significantes e significativos da vida dessas mulheres: o de como se perceberam mulheres e negras, discriminadas pelo simples fato de serem negras e moradoras das periferias, humilhadas, desrespeitadas em sua dignidade humana; perceberam também que a vida não é só fatalidade, destino inexorável, mas liberdade de escolha, de decisão e de responsabilidade intransferível e inalienável. Ato responsável.

Embora cada história que aqui relatamos seja única, irrepetível e singular, não são histórias particulares tão somente. São também coletivas, guardam entre si traços em comum da trajetória de vida e formação delas: jovens brasileiras, afrodescendentes, moradoras das periferias, estudantes universitárias, as primeiras de suas famílias a aspirarem a uma carreira acadêmica. Em todas as três histórias, havemos de captar, de perceber, a dinâmica de uma sociedade racista e machista, mas que se nega como tal. Finge não ser. No transcorrer dessas conversas, desses encontros de palavras, de trocas de experiências em comum, procuramos manter uma escuta ativa (interessada) e, ao mesmo tempo, passiva (compreensiva e solidária). Neste sentido, nosso modo de entrevistar (conversar) não ficou muito distante das regras que estruturam os encontros cotidianos. Mais que um jogo de perguntas e respostas previamente elaboradas, a liberdade de falar e de ouvir foi a tônica dos nossos encontros. E, nesse sentido do simplesmente conversar, cada encontro foi único e irrepetível, foi histórico. Embora estivéssemos sempre conscientes do porquê de estarmos ali sentadas uma em frente à outra, uma olhando para a outra, preferimos, ao modo das velhas comadres, conversar aleatoriamente, jogar conversa fora, até que o assunto nos chegasse “espontaneamente”, quiçá de repente, assim como a espetada de uma agulha nas pontas dos dedos. Ao invés de manter-nos na segurança, preferimos abandonar-nos às incertezas e aos retalhos das palavras.

Contudo, mesmo nessa aleatoriedade, sabíamos que o produto que buscávamos não era outra coisa senão nossos próprios retalhos. Retalhos com os quais bordamos a colcha de nossas vidas. Narrativas bordadas na pele, na carne, na alma, na e pelas palavras que costurávamos e que nos sangravam nos descuidos da agulha. Cada uma falando de si para si (monólogo) enquanto a outra ouvia. Não foram encontros formais, mas informais, dramáticos, poéticos como é, ou deve ser, toda história narrada pela voz singular de um narrador. Foram monólogos que se transformaram em diálogos entre um eu e um tu. Foram eventos do vir a ser. Acontecimento no evento-aberto da vida.

Foram encontros entre mulheres, cujo centro de atenção era a história de cada uma de nós, participantes do diálogo que nos costurava umas às outras nas teias das palavras e contrapalavras, identificava-nos, diferenciava-nos. Em cada conversa, fui uma. Em cada uma, fui outra.

Neste ser-não ser, tanto eu como minhas interlocutoras falamos a respeito das coisas que nos aconteceram ou que deixaram de nos acontecer. Nesse processo de escuta e de falas mútuas, mais que procurar leis gerais e abstratas, leis que regem os fenômenos sociais, interessava-nos considerar a concretude histórica e a singularidade de cada uma dessas narrativas.

Deste modo, as conversas que aqui registramos deram-se na interseção entre histórias singulares – as que cada uma de nós viveu e vive por nossa conta e risco – e histórias coletivas – a história de todas as mulheres. Histórias iguais às nossas, mas que não eram somente nossas particularmente. Histórias que nos aconteceram, mas que não nos determinam, pois sempre se pode viver ou responder de outro modo, de outro jeito. História por ser história escapa aos determinismos, aos mecanismos da física. Os fatos históricos não têm leis inexoráveis, portanto,

Nossa atitude diante da vida não está condicionada pelos fatos históricos, ao menos de maneira rigorosa, com que, no mundo da mecânica, a velocidade ou a trajetória de um projétil encontra-se determinada por um conjunto de fatores conhecidos. Nossa atitude vital – que é um fator que jamais conheceremos totalmente, pois mudanças e indeterminações são as únicas constantes de seu ser – também é história. Quer dizer, os fatos históricos não são simplesmente fatos, mas estão embebidos de humanidade, isto é, de problematicidade. Tampouco são simples resultados de outros fatos que os tenham causado, mas de uma vontade singular, capaz de reger sua fatalidade dentro de certos limites. A história não é um mecanismo e as influências entre os diversos componentes de um fato histórico são recíprocas, como tantas vezes já foi dito. (...) Por isso toda explicações puramente histórica é insuficiente, o que não equivale a dizer que seja falsa (PAZ, 2012, p. 248).

O princípio que nos regeu nestes diálogos foi o da própria alteridade. Por um lado, compreender cada uma dessas narrativas como um fato singular, único, não reiterável. Por outro, como um fato social e, portanto, passível de ser atribuído a histórias de todas as mulheres. Histórias não apenas dessas mulheres que aqui se narram, mas das demais mulheres que existem por aí, aos milhares. É nesse sentido que

a narrativas que aqui transcrevemos podem ser ouvidas: como fatos históricos únicos e como fatos sociais porque transcendentes os próprios acontecimentos particulares e singulares; conectam-se a outras realidades.

Neste sentido, queremos sugerir que essas narrativas, embora únicas, integrem um conjunto mais amplo: o conjunto de narrativas de mulheres negras sobre as mulheres negras. Um acontecimento que se passa ou se passou com cada uma dessas mulheres e também comigo, e não com quaisquer outras, mas que, mesmo assim, supomos que pode ou poderiam ter ocorrido a outras mulheres.

Embora únicas e singulares, as histórias que aqui registramos remetem-nos sempre a outras histórias semelhantes, parecidas, e que, portanto, são partes de um drama maior: o drama por que passa/passou a maioria das mulheres negras oriundas das camadas populares e moradoras das periferias.

É nesse sentido que elas podem ser ouvidas e tomadas como recorrentes, quase iguais, mas que, devido ao seu caráter histórico – portanto, único –, não são exatamente iguais; são irredutíveis umas às outras. Como nos aconselharia, mais uma vez, o poeta Octavio Paz (2012, p. 56), “o homem não é mero suceder, simples temporalidade”. Do contrário, o homem seria, tais quais as plantas e os animais, natureza.

Se a essência da história consistisse apenas em um instante suceder a outro, um homem a outro, uma civilização, a mudança se resolveria em uniformidade e a história seria natureza. De fato, quaisquer que sejam as diferenças específicas, um pinheiro é igual a outro pinheiro, um cachorro igual a outro cachorro; com a história acontece o contrário: quaisquer que sejam as suas características comuns, um homem é irredutível a outro homem, um instante histórico a outro. E o que faz instante ao instante, tempo ao tempo, é o homem que com eles se funde para torná-los únicos e absolutos. A história é gesta, ato heróico, conjunto de instantes significativos porque o homem faz de cada instante algo suficiente e assim separa o hoje do ontem. (PAZ, 2012, p. 56).

Embora não sejamos meros suceder, as histórias se conectam. Únicas sim, mas nunca exclusivas. Cada história é um capítulo entre o que vem antes e que se seguiu depois. Nela sempre haverá um resto, algo que não se esgota. Em cada história, havemos de encontrar, de nos lembrar de outras histórias tecidas com o outro. Para nós, não existe outro modo de saber quem somos e quem o outro é, está sendo ou poderia ser. Sem estas histórias, não há possibilidade de qualquer encontro passado-presente-

futuro entre mim e o outro, entre mim e o mundo. Não há possibilidade alguma de convívio humano. Não há possibilidade de sentido, não há possibilidade de pesquisa.

13. O encontro com o outro e o papel do narrador.

Ao longo desta pesquisa, acabamos por nos reconhecer nas palavras de Marília Amorin (2004): toda pesquisa no campo das ciências humanas é um encontro com o outro. Um encontro entre dois centros de valores. O outro é o espelho que nos mira enquanto o admiramos; assim constatamos que não podemos viver sozinhos, assim podemos ver a nossa própria face. O outro é espelho de minha alma; o outro são meus olhos, miro-me e me vejo. O outro são meus ouvidos, me escuto quando falo com ele, me reconheço quando ele fala comigo. Enfim, no outro é que eu me admiro, me ouço, me perco-me e me encontro. Penso me vejo, me reflito na magia de seu espelho. Eu também sou espelho do outro.

Talvez tenha sido essa, desde o início, nossa maior inquietação: ouvir e contar histórias e, a partir delas, nos descobrir no outro. Parece que foi isto que acabou nos acontecendo. De cada conversa, de cada encontro, saíamos, eu e minhas interlocutoras, alteradas. As mesmas, mas não exatamente as mesmas, porque diferentes daquelas que haviam entrado no diálogo.

Em cada encontro, em cada história que nos foi contada, uma lição de vida. Em cada uma dessas narradoras, uma face da mulher negra, uma singularidade na pluralidade das mulheres. No fundo, outra face minha. Elas são eu. Enfim, poder-se-ia concluir que esses três encontros foram o bastante para confirmar as palavras de Bakhtin: é com o outro que passamos à existência concreta, que verdadeiramente passamos a existir. É o outro que nos concede a existência, que nos ilumina com seu olhar. Somos no outro sem, no entanto, deixar de sermos sempre em nós mesmas.

Neste empreendimento, de descoberta de mim e do outro, as palavras de Benjamin (1985) foram as que me orientaram sobre a natureza e o papel do narrador. Para ele, o trabalho do narrador é tal qual o trabalho do artesão: um trabalho manual, árduo e diário, cuja matéria-prima é retirada da experiência vivida pessoalmente ou que foi, por outro, relatada. Para Benjamin, o papel do narrador não é nada mais que isso: passar adiante suas experiências, vividas ou relatadas, para que sejam incorporadas à experiência de seus ouvintes.

Penso que é isto que estamos tentando fazer aqui: passar adiante as histórias dessas três mulheres com a intenção de que outras mulheres possam se reconhecer nelas, ampliando, assim, suas próprias experiências. E só assim podemos compreender o

nosso esforço e o nosso trabalho com as narrativas. Elas, diferentemente das explicações científicas universais abstratas, são encarnações que não nos oferecem nenhuma explicação. Elas apenas apresentam a própria vida como é ou está sendo, e sobre isto só podemos tentar compreender, mas jamais explicar. Elas explicam-se por si mesmas. Quem não entendê-las é porque ainda não percebeu. Cabe-nos relê-las ou contá-las de novo. Elas são discursos do vivido. Como tais, não nos exigem explicações teóricas, mas respostas da vida.

A vida só aceita respostas que venham da própria vida. A vida, queiramos ou não, é ato responsável. Por isso, não a compreendemos teoricamente. Só podemos compreender o nosso dever ser em relação a ela. Como ato singular. Como ato meu. Assim como Bakhtin na passagem a seguir:

Eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir. Tal pensamento, enquanto ato, forma um todo integral: tanto o seu conteúdo-sentido quanto o fato de sua presença em minha consciência real de um ser humano singular, precisamente determinado e em condições determinadas – ou seja, toda a historicidade concreta de sua realização –; este dois momentos, portanto, seja do sentido, seja do histórico-individual (factual), são dois momentos unitários e inseparáveis na valoração deste pensamento como meu ato responsável (BAKHTIN, 2010, p. 44).

Para nós, o narrador de Benjamin nada mais é (e só isto nos basta) que o que acabamos de ler nas palavras acima. O narrador é aquele que assume um ponto de vista sobre a vida com a inteireza de sua própria vida enquanto ato responsável ou de responsabilidade sua. O narrador não é um cientista, um historiador, um sociólogo, um antropólogo, tampouco um artista tal qual um romancista. Sua matéria é o acontecer da própria vida. Daí, para Benjamin (1985), ser bom narrador aquele que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos. O autor considera que o bom narrador “é aquele que leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. (BENJAMIN, 1985:223).

E foi com este bom conselho que nos lançamos: fomos à busca de algumas histórias sem, no entanto, nos importarmos se eram histórias grandes ou pequenas, mas que não podem ser perdidas para se contar a história das mulheres. Histórias de três mulheres que vivem na Baixada Fluminense. Três histórias que não se esgotam; assim como o tema das mesmas. Ainda que escolhêssemos cem mil mulheres, o assunto não

se esgotaria, pois mulheres são muitas, são milhares. Em cada uma, mil histórias. Em cada história, mil mulheres. Histórias que, por serem histórias, acontecem uma única e só vez. Aconteceu com esta, não com aquela, e vice-versa.

Portanto, em momento algum passou por nossa cabeça que essas três mulheres representem a condição de todas as mulheres negras da Baixada Fluminense. Elas sequer são dadas à exiguidade dos números, um recorte do segmento das mulheres negras estudantes universitárias e aspirantes a uma vida acadêmica. Neste sentido, elas não representam todas as mulheres. Elas não representam pessoa ou segmento social algum; elas só podem representar a si mesmas.

Então, vamos a elas, para ouvir suas narrativas, as pequenas e grandes histórias de suas vidas. Vamos ao encontro dessas três mulheres que, generosamente, me concederam o direito de palavra, o direito de existir.

14. A história do encontro com Joice⁵³.

Cheguei cedo. Aliás, já faz tempo que não consigo a façanha de chegar cedo a lugar algum. Mas a culpa não é só minha. A culpa também é desse sistema de transporte urbano, desse trânsito enlouquecedor que faz de todo passageiro um passageiro da agonia. Um coelhinho apressado como aquele da história de Alice, que anda sempre apressado perguntando as horas. De modo que nem eu mesma acreditava que já estava ali, já sentada com caneta, bloco de anotações e um pequeno gravador, à espera de minha primeira entrevistada.

Embora tivesse chegado a tempo e à hora, estava ansiosa, nervosa. Estava quieta e inquieta. Uma pilha de nervos e com o coração batendo a mil por hora. Precisava me acalmar ou parecer calma, deixar de suar frio nas mãos. Deixar de ficar com aquela boca seca. Deixar de ficar com medo, qual bicho no escuro com os olhos arregalados, assustada, apreensiva e com o coração quase saindo pela boca.

Para amenizar minha situação, comecei a desenhar e a escrever algumas perguntas. Perguntas que não tinham “nem pé nem cabeça”. Ou tinham? Ali, naquele momento de expectativa e de aflição, elas apenas serviam para passar o tempo.

Todavia, foi nesse passatempo que me ocorreu a brilhante ideia: deixar que as coisas acontecessem naturalmente. Caso elas não dessem certo daquela vez, não seria tão grave assim. Haveria sempre a oportunidade e a possibilidade de marcarmos outro encontro e, portanto, nem tudo estaria perdido para a história. Procurando convencer-me e escapar daquela situação apertada, pensei nas palavras de Benjamin: “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. (BENJAMIN, 1985:223).

Foi pensando nas palavras de Benjamin que acabei por me convencer de que aquele encontro que estava prestes a acontecer não seria um tempo jogado fora, um tempo perdido, mas um tempo de se aprender. Um tempo de conhecer a mim e ao outro, a quem ansiosamente aguardava, mas que, devido a minha situação de extrema ansiedade, parecia não chegar nunca para aquele encontro marcado. Será que ela vem? Será que houve algum problema com o trânsito, com algum membro da família? Essas e outras perguntas do mesmo tipo me assaltavam a alma, me dilaceravam a carne; roía as unhas.

⁵³ Joice é graduada em Pedagogia pelo Centro de Educação a Distância do Estado do rio de Janeiro (CEDERJ/UERJ) e atua como professora na rede municipal de Nova Iguaçu.

Nesse estado de excitação exagerada, quase “à beira de um ataque de nervos”, me dei conta de que os encontros marcados, por serem formais e ritualísticos, não são a melhor estratégia de conversar e de conhecer pessoas. Precisava, então, me acalmar, desacelerar e não ir diretamente ao assunto. Deixar que ele mesmo, o assunto, se fizesse presente no fluir da própria conversa. Conforme aprendi com Hannah Arendt (2010), no diálogo e no encontro com outro, podemos dar ou provocar o início, mas nunca prever ou controlar o desfecho, os resultados. Hannah Arendt também me deixou um pouco mais calma. Mas só um pouquinho.

O fato é que, naquele exato momento me dei conta do óbvio: que a metodologia que havia proposto não podia ficar apenas como uma teoria no papel. Ela precisava ser colocada em prática e sua prática era a própria conversa, o melhor caminho para se travar conhecimento com os outros. Esquecer que esse era um encontro marcado, fingir que era um encontro ao acaso, um falar por falar até nos encontrarmos ou nos colocarmos mais naturalmente, o mais informal possível.

Os encontros marcados, embora necessários, não o são a melhor estratégia de pesquisa, pois neles, diferentemente dos encontros cotidianos, criamos uma expectativa além da necessária. Já nos encontros ao acaso, tais preocupações não existem. Eles acontecem no fluxo e no acontecer da própria vida, sem regras previamente estabelecidas, sem hora marcada, data e local. Encontros marcados, por serem marcados, podem ser desmarcados. Encontros informais são inevitáveis, estão fora de qualquer controle.

Um encontro como os encontros cotidianos, mas que pudéssemos intercambiar experiências e trocar impressões sobre o mundo, sobre a cidade em que vivemos sem água, sem luz, sem esgoto, sem ônibus no horário; sobre nossas famílias; sobre nosso trabalho; sobre o último passeio com amigos. Encontro em que trocássemos receitas de comidas, de remédios, de maquiagem, de salão de cabeleireiro. Encontros em que combinássemos passeios, comentássemos sobre a novela, compartilhássemos sonhos de ganhar na loteria, de casar, de encontrar um novo namorado. Enfim, encontros de tudo quanto é tipo, cujo assunto nos chegue de repente, flua naturalmente. Encontros que nos fizessem ver que, embora fôssemos diferentes uma da outra, compartilhamos do mesmo mundo e não somos tão diferentes assim, pois temos os mesmo sonhos e desejos: ter uma vida confortável e digna, roupa, casa e comida, filhos com saúde, amigos para conversar e se divertir nos fins de semana.

O local do encontro era a universidade que agora já posso chamar de minha, no horário da tarde, pois, nesse horário não há muitos alunos. Os corredores ficam mais calmos, o barulho é menor. Das muitas opções que tinha a meu dispor, escolhi uma sala bem pequena, acreditando que não seríamos interrompidas. Coisa que não se verificou, pois, o tempo todo, éramos interrompidas por alguém que entrava para perguntar se naquele lugar haveria alguma reunião disto ou daquilo. Coisas da vida cotidiana.

Finalmente, olhei para o relógio e tinha chegado a hora. Fui ao encontro da minha interlocutora, uma desconhecida, mas muito a fim de ouvir o que ela tinha para me contar. Todavia, sabia por experiência própria que contar alguma de nossa vida pessoal para quem ainda desconhecemos é uma tarefa, senão difícil, embaraçosa e constrangedora. Precisava, então, encontrar coragem e quebrar o gelo. Usei uma tática. Uma tática que contrariava aquilo que havia prescrito anteriormente, – falar o menos possível –, mas que, naquele momento, se aplicava.

Ao invés de me manter calada ou reticente, fui logo tratando de informar à minha interlocutora que não estava ali para entrevistá-la. Que, antes, estávamos ali para bater um papo, contar e ouvir histórias sobre nossas vidas enquanto mulheres negras e estudantes da pós-graduação. Enquanto mulheres intelectuais. Ansiosa e com a intenção de quebrar a timidez que entre nós já se fazia presente, fui logo falando sobre mim e sobre minhas experiências, na esperança de que ela também começasse a me dizer alguma coisa sobre ela.

Fiquei o tempo todo preocupada em deixá-la bem à vontade, já que tal situação exigia isso. Por fim, o encontro rendeu, pelo menos pra mim, uma produtiva conversa. Apesar de não conhecê-la antes, já nos sentíamos, no decorrer da conversa e ao final, amigas e com certa intimidade. Então, vamos à história que ela me contou.

Joice, pelo que fiquei sabendo por ela mesma, é filha primogênita de pais adolescentes. Talvez por isso, viveu durante dois anos sem certidão⁵⁴ de nascimento. Ela brinca comigo dizendo que nasceu sem identidade oficial. Joice também morou em Brasília por um breve tempo e muito pequena, de onde não guarda muitas lembranças. Quiçá nenhuma. Depois de Brasília, Joice voltou para sua cidade natal, Nova Iguaçu, lugar que, segundo ela, foi sempre o seu lugar de estudo e de trabalho. Só agora, na pós-graduação, é que foi estudar fora.

⁵⁴ Em termos jurídicos, a certidão de nascimento é a primeira “identidade”.

Joice passou a nos contar sobre ela a partir de uma experiência bem contemporânea e, portanto, bastante comum a muitas pessoas atualmente. A pesar de ser uma experiência quase corriqueira, seu relato nos mostra como podemos nos acercar de nossas diferenças identitárias. A experiência que Joice nos conta teve a ver com algumas fotos postadas nas páginas do *Facebook* de sua antiga escola. Conta-nos ela, em suas palavras:

No outro dia, eu estava olhando o *Facebook* da escola e vi uma fotografia antiga que me chamou a atenção. Era uma fotografia bem comum. Igual àquelas que tirávamos eu e os meus colegas de turma por ocasião de nossa formatura. Nelas, estávamos todos e todas uniformizados e com alguns professores e professoras. Não sei por quê, mas ao olhar para aquela fotografia me deu na telha de contar nos dedos quantos negros/negras havia na turma que eu estudava. Foi aí então que pude constatar que éramos apenas quatro e que, não por acaso, na foto quase era impossível nos perceber naquele grupo de alunas. E, não por acaso, apesar de poucos, naquela fotografia estávamos diluídas como pessoas imperceptíveis. Apesar de andarmos sempre juntas, ali naquela fotografia estamos separadas, quase escondidas no meio daquela pequena multidão de alunos brancos, ou quase brancos. Diante daquele fato, ali registrado e fixado por uma fotografia, me lembrei do meu grupo amigas negras – (eu só tinha amigas negras) – com que conversava, brincava, passeava nos fins de semana.

Foi na observação destas fotografias que me dei conta daquilo que na época eu não percebia. Naquela época de escola eu achava isso natural. Achava que era porque morávamos perto uma das outras e por isso éramos amigas. Mas nesse momento, ao observar esta fotografia, me dei conta que éramos todas segregadas e, por que não afirmar, invisibilizadas. Na época da escola eu não tinha essa noção. Na época pensava que eu não tivesse amigas brancas por ser pobre e, portanto, por não ter condições econômicas para comprar e usar um par de tênis caros ou uma mochila incrementada da moda. Segundo o meu entendimento, o problema não era de preconceito racial, mas econômico-social. Coisas essas que pude perceber claramente ao observar aquela fotografia. [Breve silêncio e Joice suspira fundo]. É, minha amiga, as fotografias não metem jamais... Elas valem mais que mil palavras.

Depois deste episódio com a fotografia, em que Joice se percebeu negra e discriminada, ela nos contou outras histórias. Outros incidentes cotidianos que confirmam que aquela fotografia não era apenas um mero acaso, mas um caso sério que confirma sua condição de menina de origem negra, afrodescendente. Como é o caso da compra de um simples biscoito uma das calçadas de Nova Iguaçu. Conta-nos ela:

Fui comprar biscoito amanteigado em uma barraquinha. Uma dessas barraquinhas em que a gente pega os biscoitos e depois pede ao vendedor pesar. Nesse dia, no exato momento que escolhia divertidamente os biscoitos e colocava dentro do saquinho, passou um grupo de meninas da minha escola. Meninas brancas e pertencentes a famílias de renome na cidade. Elas olharam, soltaram alguns risinhos e seguiram em frente. Confesso que naquela hora não tinha entendido o motivos dos risos. Fiquei meio grilada, mas não muito. Só no outro dia entendi a causa dos risinhos. O fato, conforme fiquei sabendo, era que aquelas meninas haviam espalhado por toda a escola que eu era camelô; que eu vendia biscoitos na rua para poder pagar as mensalidades da escola. Coisa essa, sim, que me incomodou bastante, não por ter sido confundida com um vendedor de rua, mas por ter sido alvo de chacotas de todos daquela escola.

Essa pequena história de Joice nos exemplifica muito sobre aquilo que aprendemos com Benjamin; não podemos desprezar os pequenos acontecimentos. Nos pequenos acontecimentos, nos sorrisos quase inocentes de um grupo de adolescentes, podem se esconder o racismo e os preconceitos de nossa sociedade. A cena que Joice acabou de nos descrever não é um episódio raro nas sociedades coloniais ou pós-coloniais. O que Joice sofreu neste pequeno e quase insignificante episódio foi aquilo que Bhabha (1998, p. 105) definiu como discursos da fixidez na construção ideológica da alteridade, em que o estereótipo é sua principal estratégia discursiva. Nas palavras de Bhabha, o discurso do estereótipo “é uma forma de conhecimento e de identificação que vacila entre o que está sempre no mesmo lugar, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido”.

Foi nesse tipo de discurso que Joice foi vista por aquelas meninas: como uma coisa já interpretada e fixada em um mesmo lugar. Joice está em frente a uma barraquinha de biscoitos e colocando biscoitos em saquinho; logo, Joice, que é uma menina negra e pobre, não pode estar comprando biscoitos; logo, Joice, sem dúvida alguma, é um camelô. O estereótipo parece simples; entretanto, o que não é simples é o que se encontra preso a ele.

Apesar de, hoje Joice ter consciência e memória bem viva sobre estes pequenos acontecimentos que teve que enfrentar por toda sua vida escolar, só agora, na idade adulta, se deu conta deles. Só depois de observar as tais fotografias percebeu uma diferença que não era só entre pobres e ricos, mas entre pobres brancos e pobres negros. Ela não conseguia ver que os pobres negros não eram só tratados como pobres, mas também como negros; eram tratados como diferentes. Joice avalia que, na época em que

estudou naquela escola, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, era muito alienada e só queria ficar ouvindo Jon Bon Jovi, sem dar muito importância a essas coisas. Coisas que encarava como fatos normais, mas que hoje não vê mais assim. Eis o que ela acabou por concluir:

Hoje, falando sobre meu passado escolar, posso ver e perceber que vivíamos separados em dois grupos: o grupo dos negros e o grupo dos brancos. Embora eu não tenha sofrido tanto quanto as outras meninas mais negras do que eu, pois eu, por ter a pele mais clara, passava por “moreninha”. Por ter sido classificada assim, como moreninha, é que escapei de ser chamada de macaca, de cabelo de Bombril ou ser considerada uma empregada que servia só para limpar o chão, conforme minhas amigas. Atitudes essas que hoje me dou conta que eram atitudes racistas contra as minhas amigas, mas a mim também. Hoje sei que, ao ser tratada como moreninha, era uma forma velada de também ser discriminada. Uma quase igual a eles, mas não exatamente igual. O fato é que presenciei com meus próprios olhos várias atitudes racistas de professores contra alunos, de alunos contra alunos. E dos alunos contra uma professora de inglês, que meus colegas apelidaram de Mary Black, Maria Preta. Uma pessoa, a meu ver, adorável e cordata, que nunca discutia, que nunca reclama, mas que, não sei por que cargas d’água, acabou pedindo demissão e foi embora da escola de um dia para outro. O que terá acontecido com ela? É o que tenho me perguntado ultimamente.

Todavia, a história de Mary Black não é só história dela, mas de muitas mulheres negras. Uma história bem parecida aconteceu comigo quando, por certo tempo, fui diretora de uma escola da rede de Nova Iguaçu. Durante o tempo em que fui diretora, me vestindo como você está me vendo aqui, de *legging*, sapatilha, muitas das vezes em que me encontravam no portão, as pessoas chegavam e pediam para falar com a diretora. Isso aconteceu muitas vezes, e quando perto de mim se encontrava uma professora branca, eles se dirigiam a ela como se ela fosse a diretora. Isso é uma coisa que eu levava na brincadeira, mas me incomodava.

As histórias que nos foram contadas por Joice são histórias vividas por ela, mas que podem mesmo, assim únicas e particulares, serem vistas como histórias comuns entre as mulheres negras. O problema a ser enfrentado não pode ser visto apenas pela vertente socioeconômica, mas também pela vertente racial, pelo pertencimento. Como se pode perceber na história de Mary Black, uma negra que fala inglês, ou na sua experiência de diretora, apesar de andar bem vestida e ser moreninha, ela não era vista como tal. Em ambos os casos, foi o discurso do estereótipo que agiu: se é negra não pode falar inglês, se é negra não pode ser a diretora. Negra é negra; logo, Mary Black está fora do seu lugar, não pode ser professora, ainda mais de uma língua estrangeira. Joice pode ser professora e, apesar de bem vestida, não pode ser diretora. Porém, o mais

estranho disso tudo é que essas coisas não impregnam apenas a cabeça dos brancos. Elas atingem a subjetividade de nós, negros e negras, fazendo-nos pensar que somos incapazes de ocupar outros lugares na sociedade. É o que se pode verificar ao final da entrevista, quando perguntei a Joice se ela se considerava uma mulher intelectual. Na hora, a resposta ficou no ar, mas chegou depois por e-mail:

Prezada Neuza,

Durante nossa conversa, você levantou uma questão a respeito se eu me considerava uma intelectual. Levantou uma questão que eu tenho comentado com outras/os colegas até hoje: eu me reconheço como intelectual? Nossa! Como isto mexeu comigo. Não de forma negativa, longe disso, mas, simplesmente porque nunca pensei nisso. Durante toda a minha formação aprendi a admirar aqueles que produziam os livros não didáticos. Quem escreve contos, poesias, crônicas. Admiro compositores de música, admiro quem produz saber. E eu nunca me incluí neste grupo. O fato é que saí da conversa mexida e estimulada.

O e-mail de Joice, embora ainda não tenha nos dado uma resposta definitiva (essa resposta não existe), confirma a força do encontro e do diálogo. Do diálogo ninguém sai como entrou. Sai alterado.

15. A história do encontro com Anna⁵⁵

Embora esse encontro estivesse agendado há muito tempo, levou muito tempo para ocorrer. Os motivos para seu adiamento era o de Anna ser uma pessoa conhecida e bastante íntima, pois somos amigas e colegas de turma. Este fato, que à primeira vista poderia ser um facilitador, atuava o tempo todo como fator inibidor. Outro fator que me impedia de realizar esse encontro era a desconfiança de não termos mais nada para conversar a respeito do tema de minha pesquisa, pois já era um tema bastante debatido por nós duas. Temia então a falta de assunto. Como conversar com alguém se já não temos mais nenhuma expectativa de novidade? Como conhecer mais a Anna se, supostamente, eu já conhecia tudo sobre ela? Eram algumas perguntas que me fazia o tempo todo. Precisava estranhar Anna. Precisava transformar o familiar em estranho. Precisava esquecer Anna. Precisava esquecer que Anna me conhecia. Criar um espaço entre nós duas para, assim, desnaturalizar nossas supostas certezas e criar um lugar em que o novo, uma nova Anna e uma nova Neuza, pudesse irromper com frescor de novidade e de emergências.

Na verdade, neste caso específico, esquecia-me o tempo todo de que era o diálogo, a situação, o contexto e o próprio tema da pesquisa que nos ditariam as regras. Fazia questão de me esquecer das palavras de Arendt, de que, na situação do diálogo, alguém pode dar início a algo, dar a partida, mas não pode prever e tampouco controlar o seu desfecho. Fazia questão de não me lembrar das palavras de Bakhtin: de que sempre quando duas pessoas se encontram e dialogam ambas saem modificadas, pois ambas são atingidas por esse diálogo.

O fato, ainda não havia me dado conta é que o encontro marcado com Anna, embora eu quisesse que fosse um encontro informal segundo a tática ou estratégia de pesquisa, não era um encontro tão informal assim. Não era um encontro qualquer, um falar por falar apenas com um fim em si mesmo, um diálogo divertimento de passatempo e que não está em busca de nada especial. Diferentemente de como eu e Anna tantas vezes fizemos nos intervalos entre uma aula e outra. Era um diálogo, conforme aprendemos com Ponzio (op. cit.), indagativo e de cooperação, em que os parceiros se predispõem a fazer uma reflexão colaborativa em torno de um determinado

⁵⁵ Anna é graduada em educação física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, atua como professora na rede municipal de Macaé e na rede do Estado do Rio de Janeiro.

tema ou questão. E, neste sentido, Anna, que já era minha velha conhecida, mostrou-se uma interlocutora perfeita. Mas ela não foi só a parceira perfeita, foi surpreendente. Contrariando falsas expectativas, foi melhor do que esperava.

O fato é que, na conversa com Anna, conheci uma Anna que nem eu e nem a própria Anna conhecíamos ou nos havíamos dado conta. Isso nos faz retomar uma passagem que já registramos em nosso texto nas palavras Octavio Paz (op. cit.): quando entramos em diálogo com o outro, falamos com nós mesmos enquanto o outro nos escuta. Na verdade, o diálogo é antes um monólogo realizado entre um falante e um ouvinte. Entre um alguém que fala de si para si e para o outro.

E foi desta forma que o encontro entre nós duas aconteceu. Não ouvi só as palavras de Anna. Vi também seus olhos brilhando e encherem-se de lágrimas. Vi sua cabeça balançar de um lado para outro. Vi suas mãos se comprimirem, se apoiarem uma na outra, contorcendo os dedos. Vi, enfim, isto e mais coisas que Anna não via ou, se via, só via em parte. Eu, ao contrário, via o todo. Eu via em Anna aquilo que Anna não podia ver. E ela, por sua vez, via em mim tudo aquilo que eu não podia. Assim como Bakhtin relata na passagem a seguir.

Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar — a cabeça, o rosto, a expressão do rosto —, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. (2010, p. 43).

Foi neste jogo de ver e ser visto, de ouvir e responder ao outro, que Anna passou a me contar suas pequenas histórias. Anna começou contando de suas origens familiares e de seus primeiros embates raciais no seio de sua própria família, pois é fruto de um casamento inter-racial.

Sou a filha do meio de uma mãe branca e de um pai negro, um pai que, por ser negro, nunca foi inteiramente aceito pela família de minha mãe. Coisa essa que acabou respingando em mim. Cresci tendo que provar para a família de minha mãe que, apesar de ter nascido negra, eu não era aquilo que eles imaginavam: uma pessoa incapaz. Eu sempre ouvi que eu não daria para nada, não queria nada com os

estudos. Isso porque eu já estava namorando e eles acreditavam que eu iria engravidar cedo e não concluiria meus estudos.

Já nesse breve relato podemos perceber a força dos preconceitos. A força dos discursos estereotipados que aprisionam e coisificam o negro em um lugar predeterminado, antecipando seu destino. Destino sem histórico, sem singularidade e sem particularidade. O negro é sempre o que todos os negros são. Se assim é, será sempre assim. Se Anna é negra, se Anna nasceu negra como seu pai, ela é igual a seu pai negro. Pai que, por ser negro, é igual a todos os negros que conhecemos. É sob essa fixidez, essa ordem imutável e demoníaca, que todas as pessoas negras são colocadas e interpretadas. Sob essa “fixidez” que, segundo Bhabha (op. cit.) articulam-se os discursos ideológicos na construção da alteridade. Segundo esse autor,

A fixidez como signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável, como também desordem, degeneração e repetição (BHABHA, 1998, p. 105).

Parece-nos que, nessa passagem da história de Anna, cumpriu-se a mesma profecia. Anna não “daria para nada”. Anna não estuda. Anna só quer namorar. Anna é negra e, como toda menina negra que namora, vai engravidar cedo. Anna, como toda negra, tem uma sexualidade incontrolável. E foi contra todos estes estereótipos que Anna, como toda e qualquer mulher negra, teve e ainda terá que lutar.

Todavia, contrariando todas as expectativas, Anna não engravidou. Apesar de ser julgada como uma relapsa e sem compromisso com os estudos, concluiu o curso de técnica de enfermagem e tornou-se, assim como sua mãe, uma enfermeira. Apesar de ter sido julgada como malandra, começou a trabalhar aos dezessete anos, como acompanhante nos hospitais da região. Anna nos conta que muitas vezes teve que trabalhar à noite, uma coisa nada fácil. Tinha que conciliar a rotina do trabalho com a agenda dos estudos preparatórios para o vestibular.

Anna teve que prestar exames vestibulares duas vezes e acabou passando para a Faculdade de Educação Física da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Sobre este fato, Anna nos conta com o peito cheio de orgulho, com o olhar de mais uma vitória pessoal e como uma resposta aos seus familiares e, principalmente, àqueles que a julgavam incapaz: “Eu fui a primeira pessoa da minha família, materna e paterna, a entrar em uma universidade pública e federal”.

Este fato único na história de sua família a fez pensar que, a partir dali as coisas iriam melhorar, iriam ser diferentes. Afinal, ela era estudante de uma universidade pública e federal, a primeira de sua família a ter realizado esse feito, em uma época em que estar na faculdade não era para qualquer pessoa, ainda mais se fosse uma pessoa negra. Doce ilusão. Eram apenas coisas e desejos de reconhecimento na cabeça de Anna. Segundo ela, passado o entusiasmo do feito, as coisas voltaram ao mesmo lugar, o lugar da fixidez, agora como uma mínima diferença: ela passou a ser vista como “uma garota esforçada”.

Enquanto adjetivada como uma pessoa esforçada, Anna deve ouvir que isso não quer dizer que seja capaz e inteligente. Porque esforçado qualquer um de nós pode ser. Mas ser inteligente e capaz é outra coisa. Bem outra. E por que, então, não atribuíram a Anna o caráter da inteligência? Porque, poderíamos responder assim, sem, no entanto, aprofundar a questão, a inteligência e a capacidade de uma pessoa negra nunca são vistas como uma regra comum, atribuível a todas as mulheres e homens. Em se tratando de uma pessoa negra, tais atributos são, quase sempre, vistos como uma exceção à regra, que foge aos padrões de nossa civilização em que se vê o outro como um selvagem exótico. Um homem negro ou uma mulher negra, mesmo quando cientista, é sempre visto como um ser exótico, um sujeito impossível de existir. E se Anna tivesse tido o “azar” de ter entrado na faculdade pela política de cotas? No entanto, mesmo assim, mesmo correndo tais riscos, somos a favor da política de cotas. Como podemos perceber não são as cotas raciais que criam o racismo. O racismo existe independente disso.

Mas se Anna, em sua vida particular e familiar, enfrentava toda essa sorte de preconceitos, as coisas não melhorariam na faculdade. Eis o que ela nos contou a respeito de sua vida na universidade.

Entrei na universidade, mas mesmo assim continuei trabalhando para consegui me manter lá. Embora pública, toda universidade tem um custo. Nada é de graça, nem mesmo o ar que se respira, minha amiga. Tudo custa muito dinheiro. Dinheiro que eu não tinha. Daí ter que continuar trabalhando. Conciliando da forma que podia meu tempo entre trabalho e os meus estudos na faculdade.

Mas esta não foi a pior parte. A pior eu ainda não te contei, mas vou te contar agora. Logo que entrei na faculdade, comecei a perceber certo tipo de preconceito. Deparei-me com o preconceito social. Eu era pobre, mas a maioria dos meus colegas não era. Não eram ricos, mas não eram tão pobres como eu. Talvez mesmo eu fosse a mais pobre dentre todas aquelas pessoas. Como você, se não sabe

vai ficar sabendo agora, no curso de educação física tudo é marca: os tênis, as roupas, as mochilas, os bonés. Tudo é moda: mais que saber e ser, tudo é ter. É a roupa, o tênis, o sapato, o relógio que dizem quem você é ou o que poderia vir a ser. Fora destes padrões de consumo, você não é nada. E isto valia até mesmo para os professores, pois os alunos preferiam sempre escolher aqueles se vestiam assim, não levando em consideração o saber e o conhecimento que estes professores pudessem nos transmitir.

Dentro deste ambiente superficial e de consumo, eu me sentia uma patinho feio. De certo modo, diferente da maioria de meus colegas de curso. Além de não ter a roupa da moda, eu andava descabelada, porque, no fim das aulas práticas, eu saía descabelada. Meu cabelo não era liso igual ao das minhas amigas. Além de ser muito peluda, achavam que eu era lésbica por conta disso. O fato é que, naquela época, eu não tinha dinheiro para comprar um creme ideal para o meu cabelo, e nem ainda tinha me dado conta da minha diferença de identidade: a de ser uma mulher negra. Era muito difícil lidar com essas coisas todas: a de ser pobre, feia e, ainda por cima, lésbica.

Embora a história que Anna conta esteja focada no preconceito social, ela não é, sob nosso ponto de vista, somente uma questão de classe. Ela é também uma história que traz e traça as marcas do preconceito racial. Percebemos isso claramente na passagem em que ela nos comenta a respeito de seu cabelo. Devido ao tipo de seu cabelo, Anna vivia descabelada e saía descabelada das aulas práticas. Anna saía assim porque não tinha dinheiro disponível para comprar um creme próprio e, portanto, adequado para penteá-lo ou talvez alisá-lo, para ficar parecido com os cabelos lisos e “bons” das mulheres brancas de seu curso. Frente àquele grupo de alunas e alunos, seus e suas colegas de curso, Anna era, sim, uma alteridade total: seu cabelo, segundo os padrões estéticos vigentes naquele grupo, não era bom, era ruim.

Anna também estava fora dos padrões de consumo: trabalhava para se sustentar na faculdade. Seu salário, por certo, não dava para bancar roupas de marca e que estivessem na moda. Anna vestia-se com modéstia e sem quaisquer outras preocupações, portanto fora dos padrões estéticos tão comuns entre suas colegas. Por essas e outras coisas, Anna não era igual às demais mulheres de seu curso. De fato, não se sentia igual a elas e não se parecia com elas. Logo, conclui-se: Anna não era feminina; só poderia ser lésbica.

Como não perceber, nestes fatos narrados por Anna, uma história do preconceito racial? Uma tautologia perversa, autoexplicativa e circular aprisionadora do outro fixado num mesmo lugar racial e social: Anna é pobre, logo, Anna é negra. Anna é

negra, logo, Anna é pobre. Uma coisa sustentando a outra e transformando Anna em uma coisa. Não precisamos conhecer Anna. Anna já é nossa conhecida desde sempre. Em ambos os casos, Anna não é uma de nós. Embora esteja sempre entre nós, ela não pertence a este lugar. No entanto, Anna é perfeitamente visível, visível sempre: ali está Anna com suas roupas fora de moda e com seus tênis baratos. Ali vai a Anna, a descabelada, correndo pegar o ônibus para o seu trabalho. Ali se senta Anna. Anna, Anna, Anna. Anna sempre ali, mas sempre invisível. Na verdade, para além das aparências, ninguém se atrevia a conhecer a Anna, aquela que só Anna sabia e ansiava por ser vista.

Mas prossigamos conhecendo um pouco mais sobre a vida de Anna, pois, na história de Anna, há mais um caso para se contar. A história que vamos contar é, segundo Anna, uma história terrível, uma história malvada e de arrepiar os cabelos. Mas não é história tão desconhecida assim. Ela poderia ter acontecido com qualquer uma de nós, desde que sejamos negras. Diferentemente das anteriores trata-se de uma história de racismo explícito. Conta-nos Anna:

Certa vez, aconteceu comigo uma coisa terrível. Todo semestre tinha uma coisa que se chamava “interperíodo”. Interperíodos eram jogos que aconteciam entre os períodos. Eu sempre me inscrevia para participar dos jogos, mas, por ser muito ruim em qualquer espécie de esporte, era sempre deixada de lado e ficava sempre no banco dos reservas. Se eu já me sentia deslocada em outras atividades, nessas oportunidades eu era, com alguma justiça, jogada literalmente para escanteio. Mas eu não ligava e nem dava muita bola para isso. Era ruim mesmo e tinha consciência que time nenhum, caso quisesse vencer a competição, poderia contar comigo. Mas se os times não podiam contar com minha participação efetiva como atleta, pensei, poderiam contar com a minha animação, ser um elemento a mais. Assim como no futebol, ser o a camisa doze. Foi pensando nisso, pensando em dar minha contribuição e participar de alguma forma daquela atividade, que me tornei uma animadora de torcida. Ali, com certeza teria um lugar para mim. Ali poderia, então, mostrar e dar a minha contribuição para os esportes, emprestar a minha voz, meu grito, meu sorriso. Enfim, a minha total animação, e ajudar o time a vencer e a ganhar troféus e medalhas. E assim fui em todos os anos em que aconteciam os jogos. Era uma torcida muito animada; eu, uma torcedora das mais animadas. Pulava, brigava, xingava os adversários, fazia tudo que cabia a um torcedor fiel ao seu time. Éramos tão animados que, por volta do sétimo ou oitavo período, organizamos uma torcida oficial, a torcida da “Macaca”. Agora sim, era uma torcida animada e organizada com mascote e tudo, um macaquinho de pelúcia que alguém deu a ideia e nos compramos, para exibir e brincar com ele durante as partidas. Era uma animação só... Até que um dia, tive uma terrível constatação: o nome da torcida “Macaca”, tampouco os lindos macaquinhos de pelúcia com os quais nos divertíamos, não

eram obras do acaso e de invenção... A “Macaca” era eu. Chorei, chorei e chorei como nunca havia chorado. Chorei com toda minha alma, com toda minha raiva, chorei envergonhada e humilhada. E foi assim, no meio da animação, que experimentei o vinho tinto de sangue-amargo do preconceito racial e do racismo.

O resto foi silêncio...

Mas no silêncio também se apreende e se ouve o que o outro quer nos dizer. Mas não pode dizer. Nesses momentos de quietude perturbadora, o inefável congela o som da voz, cala a língua. Fala o corpo inteiro na linguagem dos pequenos gestos: um ajeitar-se na poltrona, um sorriso, uma mordida nos lábios, um trincar de dentes, um tamborilar dos dedos... Uma lágrima, um olhar vago, um arfar do peito, uma respiração ofegante, um rubor na face... Infinitos detalhes que, porque infinitos, impossíveis de se descrever...

Quando Anna se calou, eu também me calei. Falamos no silêncio. O diálogo continua. Anna ainda dói em mim. Anna está viva e prestes a defender sua dissertação de mestrado. A primeira de sua família a realizar tal feito. Anna sempre vence ou resiste aos preconceitos.

Obrigada, Anna, por você existir na minha vida e por me deixar ouvir a sua história...

16. A história do encontro com Dandara⁵⁶.

Apesar de compartilharmos as preocupações de pesquisa com o mesmo orientador desde 2013, eu e Dandara não nos conhecíamos além dos encontros no grupo de trabalho. Apesar de termos nos encontrado com certa frequência, eu conhecia pouco ou quase nada de sua história. A minha relação com Dandara é um bom exemplo daquilo que vimos discutindo aqui: o papel do outro em nossas vidas, o fato de só existirmos para o outro quando ele nos concede o direito de nos dirigirmos a ele. Neste sentido, eu e Dandara, embora nos encontrando semanalmente, não existíamos uma para a outra. Não havíamos nos dado este direito. Não conhecia Dandara, que também não me conhecia.

Entretanto o pouco que eu conhecia de Dandara já era puro preconceito, interpretações apressadas. O jeito que eu via Dandara era assim: uma mulher calada, sempre muito ocupada. Via Dandara, sobretudo, como uma pessoa prática e de poucas palavras. As pouquíssimas vezes em que ela falou comigo era para tirar alguma dúvida sobre questões levantadas pela orientação ou para perguntar sobre o horário disto ou daquilo. Portanto, nossas conversas eram rápidas e curtas.

A minha maior preocupação – e aí residia meu maior preconceito em relação à Dandara – era como conversar sobre coisas tão delicadas e íntimas com uma pessoa que, embora não fosse uma completa desconhecida, no meu prejulgamento era alguém que eu via como superficial. Era a superficialidade de Dandara que eu temia. Foi pensando em Dandara que eu também me percebi como uma pessoa preconceituosa. Percebi que são os nossos preconceitos que dirigem nossas ações, nossas atitudes, nossas relações sociais com as outras pessoas. Percebi que não conhecia Dandara porque eu já a conhecia desde sempre: uma pessoa calada, apressada, superficial, e ponto. Tinha reduzido Dandara, mesmo sem saber, a um esquema de representação. Tinha reduzido-a a um estereótipo.

Estava eu, então, no mais complicado dos casos, o de já ter o “objeto” interpretado, antes de ter feito um esforço de interpretação, de compreensão. Mesmo assim, pensando essas coisas horríveis sobre mim, mantive o encontro marcado com Dandara. Caso não desse em nada – agora não por culpa de Dandara, mas por minha

⁵⁶ Dandara é graduada em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atua na rede Estadual do Rio de Janeiro como professora de Filosofia.

própria culpa –, arrumaria outra pessoa. Como eu e Dandara somos bastante tímidas, fiz um esforço para deixá-la bem confortável e à vontade. O local era o mesmo em que Joice e Anna se encontraram comigo, nas dependências da universidade, um lugar familiar para nós duas.

O clima da conversa foi calmo e tranquilo, mas tímido e envergonhado, pois somos duas pessoas extremamente tímidas. No entanto, apesar de nossa timidez, foi possível nos falarmos e nos ouvirmos. Foi possível conhecer histórias de Dandara. Histórias que não só contribuíram muito para a minha pesquisa como também enriqueceram a minha vida, como mulher e profissional. Foi uma conversa tão proveitosa que saí com uma leve sensação de dever cumprido, pois Dandara, devido aos meus preconceitos, foi a última pessoa que eu entrevistei, ou melhor, com quem conversei. Dandara foi a minha última lição. Lição que aprendi não com uma resposta, mas com uma pergunta: julgamentos servem para quê?

Na conversa que tive com Dandara, fiquei sabendo que ela é a segunda filha de uma mãe solteira; que sua mãe trabalhava fora para sustentar a família, já que marido e pai, naquela casa, não havia. Por isso, segundo Dandara, ela também já tinha o seu destino traçado, escrito nas páginas da vida: filha de mãe solteira, mãe solteira será. É o que Dandara captava no ouvir dizer dos discursos fofos da vizinhança, na fixidez irrefletida do senso comum, no repetir incansável dos ditos populares: “Filho de peixe, peixinho é”. E isso era só esperar para ver.

Felizmente, apesar desses discursos nos constituírem e interferirem em nossa subjetividade, Dandara não acreditou neles e pegou a contramão da estrada que lhe traçaram, mudando, assim, o rumo de sua história, destruindo o círculo vicioso de que muitas mulheres pobres padecem ainda hoje em dia: o de ser o pai e a mãe de família.

A saída que Dandara encontrou foi a escola pública. Uma escola que havia perto de sua casa e que ela frequentou do jardim de infância até a 8ª série (antiga denominação para o 9º ano do Ensino Fundamental).

Pelo que Dandara nos conta, apesar de ter sido sempre uma menina tímida teve uma infância e uma adolescência felizes, pois era muito prestigiada pelos professores e também pelos colegas de turma. Embora não conversasse com seus colegas, era muito querida por todos e, principalmente, pelos professores, que a distinguiam dos demais como a melhor aluna da escola.

Honras estas que caíram por terra quando Dandara foi estudar em uma escola federal e passou a ser não a “Dandara queridinha da escola e amada por todos”. Nessa

escola, Dandara passou a ser mais uma entre muitos, uma pessoa quase desconhecida. De aluna melhor da escola, passou à categoria de uma aluna média, pois, segundo ela, a maioria dos alunos que frequentavam as escolas federais era oriunda das melhores escolas particulares – , logo, com um capital cultural maior que o dela.

Todavia, a mudança de status, de aluna excelente para aluna média não a desanimou. Ao contrário, sentia-se orgulhosa e vaidosa pela vitória: a vitória de conquistar uma vaga no Ensino Médio e, ainda por cima, em uma escola de excelência e com professores bastante qualificados, com mestrado e doutorado.

No Ensino Médio, tal qual no Fundamental, devido à sua timidez, Dandara não tinha um círculo de amigos; preferia ficar quietinha no seu canto, quase invisível. Devido ao seu pouco envolvimento com os colegas de turma, passava quase despercebida. Talvez por isso não tenha sofrido ou percebido (já que a maioria de seus colegas era da classe média) os preconceitos e o racismo. Neste sentido, poderíamos arriscar que, para se proteger, Dandara praticava, mesmo sem saber, a tática da invisibilidade: estratégia que muitos de nós, negros e negras, aprendemos desde tempos imemoriais, para sobreviver às injúrias do racismo. O fato é que, tanto no Ensino Fundamental como no Médio, ela não se deu conta desta questão – e só mais tarde veio a se dar conta disso.

Passei o Ensino Fundamental e Médio sem muitos amigos. Então, essas questões de preconceito eu não sentia, mas hoje eu percebo que o problema existia lá, sim. Eu é que não me dava conta disso, não tinha aberto meus olhos para o fato.

Segundo Dandara, ela só veio a perceber os preconceitos e o racismo de fato quando entrou na faculdade de Filosofia.

Eu sentia isso na faculdade: que meu curso era um curso muito europeu e a questão étnico-racial não tinha espaço nas discussões filosóficas. Parece que também não tinha espaço para negros. Na minha turma, só tinha eu e mais dois negros. Um era compositor de sambas famosos, mas não conseguia espaço para discutir também suas questões. A filosofia não é muito chegada à cultura popular, não gosta de samba. Eu passei a me sentir muito incomodada, deslocada, como uma estranha no ninho. Devido a isso e outras coisas, acabei trancando a faculdade por um tempo. Quando voltei, o meu amigo sambista já não estava mais lá, tinha abandonado o curso.

Algumas coisas se nos revelam bastantes curiosas, quiçá elucidativas. Primeiro, ela nos relata que seu curso, o curso de Filosofia, não tinha espaço para ela e tampouco para os seus colegas negros, e que eles eram apenas três alunos negros. Eram eles, naquela turma, uma minoria numérica e racial, e Dandara era mais minoria ainda, pois era a única mulher negra. Daí talvez se sentir, como ela mesma diz, “uma estranha no ninho”. Indiretamente, ela nos conta que seus dois outros colegas também. Dandara não nos diz diretamente que sofreu preconceito por parte de nenhum de seus colegas brancos. Sentia, sim, certo desconforto em relação aos conteúdos curriculares, pois seu curso, nas palavras dela, “era um curso muito europeu” e, por isso, não dava espaço para discutir outras questões de seu interesse, como por exemplo, as questões de seu amigo sambista.

Em momento algum de seu relato, ela afirma que se sentia discriminada por parte de seus colegas de turma. Relata que se sentia desconfortável e que seus amigos também sentiam a mesma coisa, mas não dava para dizer que eram, e talvez até não fossem. Não precisavam ser, poder-se-ia afirmar isso, pois o próprio currículo fazia isso por eles. O fato é que, dos poucos negros naquela turma, dois abandonaram; Dandara trancou a faculdade, mas depois voltou. Seu amigo sambista também foi e nunca mais voltou.

Vemos, no caso de Dandara, um caso típico, não de preconceito e de discriminação, mas de racismo institucional, também denominado sistêmico e estrutural. Um mecanismo sutil que garante a exclusão seletiva dos grupos, atuando como alavanca importante da diferenciação de diferentes sujeitos. Na base desse mecanismo, estão os próprios preconceitos arraigados em uma determinada sociedade, não a partir de ações visíveis dos agentes humanos, mas institucionalizados na racionalidade das instituições. E muito bem expressa nos currículos de Filosofia, pois, conforme dito por Hegel, os negros africanos devem ser deixados de lado. É o que vemos na introdução escrita pelo autor em “Fundamento geográfico da história universal”. Hegel é um dos mais importantes nomes da Filosofia ocidental, e, portanto, de leitura obrigatória em qualquer curso de Filosofia. Ele tece suas considerações a respeito dos negros africanos, porém suas considerações se aplicam, não somente aos negros africanos e sim a todos os demais negros.

A principal característica dos negros é que sua consciência não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis, pelas

quais o homem se encontraria com sua própria vontade, e onde ele teria uma ideia geral de sua essência. (...) O negro representa, como já foi dito, o homem natural, selvagem e indomável. Devemos nos livrar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos de sentimento, para realmente compreendê-lo. Neles, nada evoca a ideia de caráter humano. (...) Entre os negros, os sentimentos morais são totalmente fracos – ou, para ser mais exato, inexistentes. (...) Com isso, deixamos a África. Não vamos abordá-la posteriormente, pois ela não faz parte da história mundial; não tem nenhum movimento ou desenvolvimento para mostrar. (HEGEL, 1995, p. 84-88).

A passagem que acabamos de transcrever nos dá muito em que pensar. Pensar principalmente nos alunos e alunas negras que, como Dandara, frequentam os cursos de Filosofia. Haverá alguma saída para escaparmos do racismo? A passagem que acabamos de transcrever, mais que nos indignar, faz-nos considerar a importância da Lei 10.639/2003. Tal lei nos obriga a instituir currículos em uma nova direção: a de levar em consideração a cultura e a história dos povos negros. Mas somente a lei não será o bastante. Para ela vingar de fato, precisará, ainda por muito tempo, de nossa militância. Militância não só do povo negro, mas de todos e todas que acreditam que a vida pode ser de outro jeito. Que defendam que todo homem ou mulher, seja branco/branca ou negro/negra, é um ser inalienável e, portanto, humano como qualquer outro, merecedor de respeito, amor e dignidade. Voltemos a Dandara.

Na passagem a seguir, Dandara nos conta sobre sua volta à faculdade, momento em que já se havia implantado a política de cotas para ingresso de alunos negros ou afrodescendentes. Poderíamos afirmar que, neste momento, ela não precisaria se sentir tão desconfortável, mas não foi isso que aconteceu.

Na minha volta, a política de cotas já havia sido implementada na universidade. Foi aí então que conheci um grupo de militantes negros, porém não me senti à vontade e nem com disposição de participar. Apesar de achar o discurso e a luta desse grupo bastante interessantes, pois era também a luta minha, eu achava o discurso deles muito radical. Na verdade, eu não me identificava nem estética e nem politicamente com eles. Eles eram também muito radicais, preconceituosos. Daí não ter me integrado a eles. Apenas os acompanhava de longe.

Pelo que acabamos de ler, embora já tivesse se dado conta de sua diferença e das questões raciais, Dandara ainda não havia tomado uma posição política frente ao racismo. Preferia ficar na dela e quieta no seu canto. Mas não tão quieta assim...

Eu sempre usei cabelo natural, mas, quando entrei no Estado, senti necessidade de alisar os cabelos, pois minhas alunas e também minhas colegas de trabalho sempre me perguntavam por que eu não os alisava para eles ficarem mais bonitos. Então, acabei alisando para não me sentir diferente e fazer parte do grupo, ser aceita pelas minhas alunas e pelos meus colegas.

Hoje eu vejo que aquilo foi um erro. Minhas alunas mereciam ter uma professora com os cabelos naturais. Elas precisavam saber que não existe um único modelo de beleza, que existem várias formas de beleza. Decidi, então, parar de usar químicas. Gosto deles assim: crespos. Gosto de ser da forma que sou. Acho isso muito importante para mim e para as minhas alunas negras também.

Neste último relato, aparentemente banal, o de uma mulher preocupada com a estética de seus cabelos, se deveria mantê-los lisos ou crespos, encontramos uma das vertentes sutis do preconceito racial, pelo qual muitas vezes somos invadidos e temos nosso jeito de ser desrespeitado. Ele vem assim, bem de mansinho, quase imperceptível. Na forma de uma sugestão ou de conselho: “Por que você não faz isto? Por que você não faz assim?”

Palavras finais continuando a conversa.

Os encontros me levaram a lugares que eu desconhecia. As muitas outras histórias que ouvi e que, por uma questão de tempo, não poderei contar neste momento, estão guardadas e, com certeza, surgirão em outros momentos de minha caminhada acadêmica. Fui para o encontro em busca de um diálogo, mas queria ouvir mais que falar. Nesta escuta sensível e responsável, pude perceber que algumas questões eram comuns a todas as mulheres com quem conversei. Por isso, decidi colocar uma lente de aumento em comentários. Comentários que, na maioria das vezes, poderiam nos passar despercebidos. Por isso, decidi deixá-los para o final, como uma espécie de análise de dados.

**** Eu lá teria filho com mulher preta: as relações afetivas e estéticas das mulheres negras.***

Os encontros foram riquíssimos. Os diálogos que construímos ajudaram-me a pensar sobre a vida e as condições de ser mulher negra e intelectual em uma sociedade como a nossa, machista, branca e sexista. No decorrer dessas escutas, dois aspectos tornaram-se bem evidentes: as relações afetivas e estéticas. O que é interessante é que, inicialmente, elas não eram questões importantes para mim. Não conseguia ver essa relação entre elas. Só após reler as transcrições percebi que toda mulher quer ser amada e aceita na e pela sociedade em que vive. Percebi que toda mulher quer ser bonita. Que toda mulher quer, sobretudo, ser feliz, assim como o quer e deseja todo e qualquer ser humano. E que, portanto, as questões estéticas e afetivas não são uma coisa banal e sem importância. São estas questões, e não outras, as mais fundamentais para se combater o racismo e o preconceito contra as mulheres. São estas, e não outras, a grande questão que teremos de enfrentar.

Em *Vivendo de amor*, bell hooks⁵⁷ traz para nós uma bela discussão sobre relações afetivas de mulheres negras. A autora afirma que esta questão é extremamente

⁵⁷ O texto aqui referido foi traduzido por Maísa Mendonça. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-de-genero/4799-vivendo-de-amor>. Acesso em julho de 2013.

delicada, e que muitas pesquisas omitem tais dados, como se nós, mulheres negras, não fôssemos capazes de receber e dar amor.

Muitas mulheres negras sentem que, em suas vidas, existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas, que raramente é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso. (HOOKS).

Minhas interlocutoras falaram, mesmo quando não explicitamente, de amor. Porque toda mulher não pode viver sem amor. Falaram do amor entre mães e filhos. Falaram do amor entre avós e netas. Falaram do amor entre elas e os homens que tiveram ou não tiveram. Porém, ao falar desse amor, elas trouxeram à baila dados que corroboram a triste constatação de Franz Fanon (2008): “todo homem negro só quer um pouco de brancura da mulher branca”. Tese essa que se confirma na história contada por Joice, mas que não incluímos em seu relato anterior.

Eu namorei um menino negro por algum tempo. Aí terminamos nosso relacionamento, mas ficamos amigos. Nesse período de separação, ele engravidou uma menina branca. Aí, passado um tempo, ele veio me mostrar a foto da filha dele e disse:

– Minha filha é linda, não é?

Aí eu respondi:

– É linda sim, mas se fosse minha seria muito mais bonita.

Aí ele respondeu:

– E eu faço filho em mulher preta?

Já Anna, em um tom de reclamação no meio da conversa, afirma: “Meu namorado insiste em dizer pra mim que eu não sou negra, sou moreninha”.

Por que não ter filhos com uma mulher negra? Por que um homem precisa negar a negritude que a sua própria parceira enuncia?

A ideia do branqueamento vem sendo a cada dia reafirmada, e a rejeição do corpo negro pelo negro pode ser verificada nos relatos acima. Neste caso, estamos diante de uma rejeição que se projeta no futuro, nos descendentes que poderão vir. Voltando ao questionamento: por que não ter filhos com uma mulher negra?

Ter filhos com uma mulher branca, além de “clarear a raça”, “clarear a família”, como ouvi muitas vezes em conversas com meus familiares, é uma necessidade real. Dois pontos são fundamentais nessa discussão: o negro é o ser destituído de beleza, e o branco é o sinônimo da mais bela e pura beleza, além de dominar “os meios de

comunicação, a mídia, os lugares de poder, a informação e a escolarização” (GOMES, 2008, p. 129).

Ter “traços mais finos”, isso é, ter um rosto com características estéticas de um branco ainda é sinônimo de beleza. Dandara disse: “Quando eu era criança, falavam que minha irmã era mais bonita que eu, pois ela tinha traços finos e eu tinha uma aparência grosseira, lábios mais carnudos, nariz achatado”.

Fanon fala do desejo quase patológico do negro de se tornar branco. A ideia do branqueamento pode ser percebida no relato em que o homem negro não deseja ter filhos com uma mulher igualmente negra, pois uma mulher branca pode trazer-lhe a tão sonhada brancura.

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser *branco*. Não quero ser reconhecido como *negro*, e sim como *branco*. Ora — e nisto há um reconhecimento que Hegel não descreveu — quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amado-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco. Seu amor abre-me o ilustre corredor que conduz à plenitude... Esposo a cultura branca, a beleza branca, a brancura branca. Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam, é da civilização branca, da dignidade branca que me aproprio. (FANON, 2008, p. 69).

O cabelo do negro também aparece nos relatos sobre estética e afeto, já que, para ter uma boa aparência, é preciso ter os cabelos parecidos com os cabelos das brancas. O relato a seguir ilustra essa afirmação.

Quando comecei a trabalhar como professora no Estado, eu não usava químicas no cabelo. Mas percebia que não era bem aceita pelos meus alunos e pelos meus colegas de trabalho. Ouvia comentários dos meus alunos e colegas sobre meu cabelo. Na época, eu não tinha discurso para rebater aquelas críticas. Então, foi aí que eu comecei a usar química em meus cabelos e percebi que a relação começou a mudar. Meus colegas começaram a me tratar diferente, eu fazia parte do grupo. Hoje percebo que eu poderia ser um exemplo para minhas alunas e, por isso, decidi deixar de passar química no cabelo. E sinto que hoje já tenho um contradiscurso do por que usar o cabelo assim. (DANDARA).

Quando Dandara se inseriu em grupos de pesquisa que discutiam relações étnico-raciais, percebeu que estava habilitada para enfrentar esses conflitos e assumir

outra forma estética, segundo a qual suas alunas poderiam ver nela um exemplo de beleza.

A beleza pode ser, então, entendida como uma categoria estética e construção social, como uma maneira de nos relacionarmos com o mundo. Ela não tem a ver com formas, medidas, proporções, tonalidade, arranjos pretensamente ideais que definem algo como belo. Sendo assim, beleza não se refere às qualidades dos objetos mensuráveis, quantificáveis e normatizáveis. Ela diz respeito à forma como nos relacionamos com eles, por isso ela é a relação entre sujeito e objeto. (GOMES, 2008, p. 281).

Nossas relações afetivas e estéticas foram construídas em meio a uma ideia colonial de beleza. Por isso, muitas vezes não aceitamos o que vemos no espelho. Um movimento contra-hegemônico se faz necessário. Porém é preciso, primeiro, iniciar o processo de amor interior. Digo “amor interior” e não “amor próprio” porque, assim como hooks propõe a palavra “próprio” é geralmente usada para definir nossa posição em relação aos outros. Numa sociedade racista e machista, a mulher negra não aprende a reconhecer que sua vida interior é importante.

Onde está o amor, quando uma mulher negra se olha e diz: “Vejo uma pessoa feia, escura demais, gorda demais, medrosa demais - que não merece ser amada, porque nem eu gosto do que vejo”. Ou talvez: “Vejo uma pessoa tão ferida, que é pura dor, e não quero nem olhar pra ela porque não sei o que fazer com essa dor”. Aí o amor está ausente. Para que esteja presente, é preciso que essa mulher decida se olhar internamente, sem culpa e sem censura. (HOOKS).

Nós, mulheres negras, precisamos de mais amor em nossas vidas. Não somente o amor entre pessoas, mas o amor interior. E o mais importante: é preciso fazer com que os outros nos respeitem, nos amem do jeito que somos.

Eu poderia simplesmente omitir esta discussão do meu trabalho, pois, confesso, ela mexe diretamente com o meu interior. Porém, assumir a necessidade de amor em nossas vidas é uma forma de ir contra a opressão, porque somente nós podemos “transformar o mundo no lugar onde gostaríamos de viver”. Um mundo mais justo e mais belo. A justiça só pode vir de forma amorosa. Onde há amor não falta nada. Quem ama verdadeiramente não tem preconceito. O amor é a porta e a chave, a entrada e a

saída para o mundo que desejo. Eu não devo amar o outro só porque ele é bonito. Ele é bonito porque eu o amo. O amor é segredo que não deve ser guardado.

**** *Intelectuais são os outros, eu não!***

No ano de 2013, o governo brasileiro começou a desenvolver uma política denominada “Mais Médicos”. Tal política objetivou trazer médicos de outras nacionalidades, formados fora do país, para trabalhar em lugares onde os médicos brasileiros recusam-se a trabalhar. Não é nosso objetivo discutir se tal política é certa ou errada. O que quero discutir é a posição que a mulher negra ocupa na sociedade, e a chegada das médicas cubanas ajuda-nos a ilustrar esse painel.

Quando os primeiros médicos e médicas chegaram ao país – foram os cubanos – os aeroportos estavam lotados de médicos brasileiros protestando, além de jornalistas cobrindo tal chegada. E, em uma rede social, uma jornalista manifestou suas impressões sobre a chegada desses médicos, especialmente sobre as médicas cubanas.

A publicação da jornalista dizia que as médicas cubanas pareciam empregadas domésticas, que não tinham aparência de médicas. Afirmava que, para ser médico, era preciso ter postura (apesar de não explicitar qual é essa postura), o que aquelas mulheres não tinham. Questionava, assim, se as cubanas recém-chegadas eram realmente médicas. Concluía que “quem sofreria com a chegada das médicas cubanas seria o povo”.

O que a jornalista escreveu somente reforçou os estereótipos que vivenciamos e contra os quais lutamos todos os dias. Nós, negras, não podemos ser intelectuais; ou melhor, não podemos sequer exercer uma posição de prestígio, pois esse não é o nosso lugar. Reiteram-se, assim, mais uma vez, as palavras do eminente sociólogo Gilberto Freyre: as mulheres negras são boas para cama ou para cozinha. No primeiro caso, prostitutas; no outro, servas. Em ambos os casos, nega-se o amor.

Bell hooks contribui para essa discussão com elementos que constituíram a cultura estadunidense e que são semelhantes aos de nossa realidade, já que a parte sul dos Estados Unidos também se utilizou de seres humanos negros escravizados.

Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve de produzir uma

iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações incutiram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpo, sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. Vistos como “símbolos sexual”, os corpos femininos negros são postos numa categoria, em termos culturais, tida como bastante distante da vida mental. Dentro das hierarquias de sexo/raça/classe dos Estados Unidos, as negras sempre estiveram no nível mais baixo. (HOOKS, 1995. p. 469).

Além de símbolo sexual, a mulher negra carrega o estereótipo de “mãe preta”. Quando não somos “prostitutas”, recebemos a função de cuidar dos outros, em especial dos mais ricos.

Do outro lado das representações das negras como selvagens sexuais desqualificadas e/ou prostitutas, há o estereótipo da “mãe preta”. Mais uma vez, essa imagem registra a presença feminina negra como significada pelo corpo, neste caso a construção de mulher como mãe, “peito”, amamentando e sustentando a vida de outros. Significativamente, a proverbial “mãe preta” cuida de todas as necessidades dos demais, em particular dos mais poderosos. (Idem).

O comentário da jornalista está alicerçado nesse segundo paradigma que hooks nos apresenta: a mulher negra não pode ser médica, engenheira ou intelectual, pois nascemos para cuidar dos outros. Hooks afirma que, nos lares dos estadunidenses, quase não existem empregadas domésticas. Porém, as mulheres que ocupam diversas funções no mercado de trabalho queixam-se de que lhes é cobrado esse cuidado materno em suas funções. A aceitação passiva desses papéis pode ser um dos motivos que impedem que as mulheres negras escolham tornarem-se intelectuais, afirma a autora.

Quando encontrei com minhas interlocutoras, em meio a nossas conversas, questionei se elas eram intelectuais. A minha pergunta foi recebida com bastante estranheza e elas responderam coisas como:

Não me considero intelectual, me considero uma estudante.

Intelectual pra mim é aquele cara que escreve livros, faz poemas.

Aquele cara que escreve livro é o autor do livro. Apesar de saber que eu posso produzir também e produzo.

Intelectual é o escritor, o poeta renomado, mas nunca me coloquei como intelectual. Mas almejo bastante um dia ser.

Intelectual é o professor. Mas não qualquer professor, talvez o professor universitário.

Minhas interlocutoras negam o título de intelectuais, dizendo que um dia poderão ser. Porém, eu só as escolhi por acreditar que já são intelectuais. Meu trabalho fala da formação intelectual de mulheres negras, e se as elegi para participar é porque as considero com tais. O fato é que existem representações de intelectuais. O intelectual pode se manifestar de várias formas. Eu acredito que uma dessas representações, em nossa sociedade atual, é estar cursando a pós-graduação *stricto sensu*. E não só isso. Minhas interlocutoras possuem objetos de pesquisas que eu acredito que sejam de transgressoras, pois estudar negras, negros e homossexuais é formar transgressão em uma sociedade e academia machistas, homofóbicas e sexistas.

Fui buscar em hooks uma explicação para essa negação. Ao relatar sua infância e a forma como foi criada, a autora me fez lembrar fatos de minha infância e que, conseqüentemente, me ajudaram a refletir e compreender sobre o meu momento atual.

É bem verdade que nós, mulheres, em especial as negras e pobres, fomos criadas para aprender a ser mãe, ou seja, para concretizar, ou melhor, reforçar o paradigma da “mãe preta”. As tarefas domésticas sempre vieram em primeiro lugar. Não tínhamos tempo, durante a infância, para o exercício de pensar. Recordo-me de que, quando criança, preferia ficar sozinha e me afastava de meus irmãos e primos. Minha mãe logo me chamava e dizia que não queria ver ninguém sozinho na casa dela.

A tarefa do pensar se tornou menor, porque primeiro era preciso cuidar da casa e, posteriormente, conversar, estar junto com a família. Uma de minhas interlocutoras relata sobre a dificuldade que encontra em estudar em sua casa.

A ideia do mestrado é muito bacana, mas ninguém respeita quando eu estou estudando para o mestrado. Eu não consigo estudar, não consigo estudar em casa. Vou para o CEDERJ todos os dias. Eles ficam [dizendo] “sai desse computador, você não sai desse computador, você não dá mais atenção a sua família” etc. Não é só da família, mas dos amigos também. Já fui rejeitada pelo meu namorado, porque ele acha que dou mais valor ao mestrado que [a] ele. Mas essa fase passa, eu sei que passa. (JOICE).

O trabalho intelectual exige um distanciamento, um isolamento. Escrever é uma atividade solitária, e para nós, que fomos criadas em meio a um grupo que valoriza o

trabalho não intelectual em detrimento do trabalho intelectual, é extremamente difícil. hooks afirma que muitas alunas negras estadunidenses abandonam os cursos de graduação no momento em que, para concluir, é preciso escrever suas teses.

Concentrando-me particularmente em negras que concluíram cursos universitários, mas o interromperam no estágio de escrever a tese final, descobri que eram as mais enredadas em sentimentos contraditórios sobre o valor acadêmico e/ou trabalho intelectual, e que esses sentimentos bloqueavam psicologicamente sua capacidade de concluir essa exigência final. (HOOKS, 1995, p. 471).

Não se considerar intelectual não é culpa de minhas interlocutoras. Na verdade, atribuo essa tal dificuldade ao bloqueio psicológico que sofremos, pois me coloco nesta situação; conseqüentemente, não nos reconhecemos como tal. Indo mais fundo na questão, se quisermos nos tornar intelectuais de fato, precisamos descolonizar os nossos pensamentos, pois, enquanto deixarmos nossas mentes presas a um contexto social capitalista de supremacia patriarcal branca, nosso processo intelectual não será intensificado. É preciso intensificar, romper com as amarras. E eu, mais que todas. E todas mais que eu. Quem sabe juntas... Que o amor, enfim, nos una!

Referências bibliográficas.

- ALMEIDA, V. S. Educação, histórias e sentido em Hannah Arendt. In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPEd 2008, 2008, Caxambu. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPEd 2008, 2008.
- AMORIN, Marília. O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- ANTONIL, André João. Cultura e opulência no Brasil, por suas drogas e minas. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp, 1837.
- ARENDRT, Hannah. ARENDRT, Hannah. Entre o passado e o futuro. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. 6.ed.São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. A condição humana. Tradução: Roberto Raposo, 11ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail (Voloschinov). Marxismo e filosofia da linguagem. 6a. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 1998.
- BOFF, L. A águia e a galinha: uma metáfora da vida humana. Editora Vozes, 45^a edição, Petrópolis, 2007.
- CAEIRO, Alberto. O guardador de Rebanhos, 3-8: 1914.
- CARVALHO, Carlos Roberto. Vivendo nas fronteiras de uma sociedade híbrida. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) . A educação na cultura da mídia e do consumo. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CYRULNIK, Boris. Os Alimentos do afeto. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Editora Ática. 1995.
- DESCARTES, René. Discurso do Método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas; introdução de Gilles-Gaston Granger; prefácio e notas de Gérard Lebrun; tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior.São Paulo: Abril Cultural, 1999. Col. Os pensadores.

- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo. (Org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 55-70.
- FANON, Frantz. Peles negras, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. Educação e mudança (trad. Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martins). 24.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula. (Orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 419-441.
- GRAMSCI, Antonio, Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Coleção Perspectivas do Homem. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Impresso no Brasil 1982. Vol.48 4ª ed: Civilização Brasileira.
- HEGEL, G.W. F. Filosofia da história. Brasília: Ed. UnB, 1995
- HOOKS, B. Intelectuais Negras. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995, p. 454-478.
- KANT, I. Crítica da Razão Pura. Trad. de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago e GROSFUGUEL, Ramón. (Orgs.). El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar/Universidad Central-IESCO/Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 127-167.
- MARX, K.; ENGELS. F. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: editora Martin Claret, 2002 .
- MELO NETO, João Cabral. Morte e vida severina. In: Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 1995.
- MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2007.
- PAZ, Octavio. O arco e a lira. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. LANDER, Edgardo (org). Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - CLACSO, 2005

RANCIÈRE, Jacques. Mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual / Jacques Rancière; tradução de Lilian do Valle – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2010.

RUFINO, Alzira. Eu, Mulher Negra, Resisto. 1988. Gráfica A Tribuna de Santos.

SAID, Edward W. As representações do intelectual: as conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALES, Augusto dos Santos. Movimentos negros, educação e ações afirmativas. 2007. 554f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília. Brasília. 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre a ciência. 2º Ed.- São Paulo: Cortez, 2004.

_____ A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2008: 11-43

_____ Meneses, M. Paula [orgs.]. Epistemologias do sul. São Paulo : Cortez, 2010.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOBRAL, Adail. O conceito de ato ético de bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. Centro Universitário São Camilo - 009;3(1):121-126. In: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/68/121a126.pdf>. Acesso em: 27/07/2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. (2010). Pode o Subalterno Falar? Belo Horizonte: Editora UFMG

VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá; VEIGA, Ilma Passos Alencastro. O diálogo acadêmico entre orientadores e orientandos. Educação, v. 33, n. 3, p. 222-226, 2010.